

TERRA SECA

COSMONOVELA

Num país com sede de resgate

Primeira Parte

Antes do F.I.M.

ELOGIO DA NORMALIDADE

UM GUIA para SAIR da CRISE

UM ANO ANTES

Antes que se propague o fogo que me alastra e que incendeia no nosso país, devo dizer que há já vários dias não me apresento ao convívio do teclado, por razões diversas, que têm a ver com falta de inspiração e falta de tempo. Na verdade, prossigo meus compromissos para comigo próprio, um pouco obedecendo a ditames que me foram ditados na juventude. Indeciso entre

dois estudos de 3º ciclo, espero em minha casa a possível vinda de uma estudante para ficar cá uns dias. Hesito entre Filosofia e Antropologia, afinal queria fazer algo de mais prático, algo que me fizesse sentir mais vivo, contudo prossigo nos dias, menos cansado, um pouco mais animado do que nas últimas semanas. Dava-me conta de que teria no meu bolso inúmeras personagens e traços psicológicos sobre que contar, entretanto o mundo desenrola-se sobre a minha vista, o mundo que me é permitido conhecer. Na realidade, a esta altura do campeonato, seria de bom tom arranjar emprego e casar, ou pelo menos arranjar emprego e ter uma companheira, contudo, tudo está muito frouxo. Creio que será necessário muita teimosia para que mantenha até agora e com o que já me aconteceu nestes tempos, muita persistência quanto a estudar. Diria até que o faço para me manter tempo ocupado com algo de útil e que sobretudo possa ser transmitido aos outros. Parece-me que um período de mais três anos a estudar é resultado de uma tendência para a explicação e o rigorismo, não só de uma teimosia. Sandrina, estou começando a acordar, sei que não posso quebrar agora. Não sei bem o que têm pensado em relação à casa onde vivo agora. Contudo, o que te posso dizer é que tenho planos, os planos legítimos e ao alcance de qualquer homem da minha idade. E vou realizá-los, antes que envelheça no meio de livros. O meu sonho profissional seria trabalhar como consultor. Podia, num determinado espaço, ter a oportunidade de trabalhar aconselhando as pessoas sobre como investir energias e esforços em projectos pessoais e profissionais. Ando a ver vários espaços. Dar aulas seria outra possibilidade. Concorri a cerca de 15 escolas, mas vou ter um carro para me deslocar, pois estas ficam situadas na periferia da escola. Se fizer carreira como trabalhador do estado, será menos penoso e mais reconfortante, à partida. Se fizer como consultor, terei de me atirar à água, como todos. Ora, como não posso na prática ter as duas actividades, acho que vou ter em teoria as duas, para já,

fazer como todos fazem. Entretanto, os estudos. Em *low profile*. Não penso apostar numa carreira como filósofo ou antropólogo. Dei vinte anos da minha vida a estas actividades, pelo que por agora vou dando aulas e depois logo se vê. Mas queria e procuro algo de sempre pouco formal, mais espontâneo e reservado. Continuo à procura e espero que tudo vá correndo bem para o teu lado, pois farei todos os esforços para que corra bem para o meu. Aqui te darei conta da evolução desta nova fase da minha vida.

NO MOMENTO ACTUAL

Preparo um grande romance saído da crise, tendo eu vivido duas grandes crises, a de 80 e a de 90, vivo agora esta e se parece ser cíclico, ainda viverei outra daqui a duas dezenas de anos. Preparo-me para ler Dr.Jivago, um romance do frio, como do frio e da chuva são este tempo e da porcaria que inunda as sanitas como nas inundações e que leva tudo à frente não se

preocupando de fazer distinções entre classes e cores. Esse romance teria um nome: “Para Além da Bruma” e seria tudo menos um romance pacífico, psicológico e existencial como os que tenho debitado cá para fora. Seria um “não ter nada a perder” em relação à sociedade. Muitas ideias têm feito chegar meu corpo e meu espírito até aqui perto mas parece que algo me está fazendo retrair, fazendo desistir. Nestes dias, diversos caminhos se nos aparentam possíveis seguir, entre os quais está o de permanecermos acantonados no nosso quarteirão e esperar que a crise passe ou fazer algo por isso. Empurramos para mais tarde um momento de desalento final e vamos fazendo da vida algo de útil e ético, na medida em que é esse o desafio principal que esta nos reserva. No fim de contas, sou um soldado de guerra, um jornalista de guerra acantonado, entre dois relâmpagos escrevendo, no intervalo de meia hora onde meu corpo e meu espírito vai estar junto à janela da varanda, este tempo em que oiço a rádio Marginal, sem soluções para uma antropologia que está estranha e alienígena demais e uma filosofia descaracterizada e mercantilizada para que possa ser acompanhada. Pior para elas, essa espécie de ciências. Dedicar-me-ei a outras coisas, também estava resistindo mais do que as próprias forças, mais do que alguém podia alguma vez resistir. Como sair da crise, então? Como encontrar soluções para viver uma vida mais desafogada e sair de um marasmo econômico e chegar a uma situação mais próspera e de bem-estar relativamente durável? Cópia algum modelo? Conciliar os modelos existentes? Inventar algum novo modelo?

FINALMENTE

Finalmente alguma inspiração encontro na censura e olhares dos outros para com a minha vida pessoal, esse olhar aldeão que censura tudo o que é dos outros e que nada perdoa, esse olhar que censura um Carlos Castro e que perdoa um agressor, que perdoa um Carlos Castro e censura um agressor, seja do lado de cá ou do lado de lá do atlântico, ninguém se

entende, só que as relações humanas não são propriamente mecânicas, mas também não são diáfanas, o que vale a pena em casa é que chega aquela hora e acaba-se a hora do gordo e só se vê programas de criançadas, enfim o que me parece deste contexto é que algo me está puxando para permanecer inspiradoramente neste lugar, embora tenha dívidas a pagar e não tenha condições para trabalhar, é bom que se pense, ainda depois de tudo o que me aconteceu, consegui fazer uma licenciatura e preparo doutoramento e que não é versando textos sobre minha vitimização, essa é minha grande vitória e essa é minha maior argumentação e luta e finca pé. Nota-se nestes últimos anos uma alteração bastante grande na estrutura social nas cidades em que vivemos, mesmo das aldeias e vilas em que vivemos. Se por um lado a população envelheceu, população esta maioritariamente portuguesa, por outro rejuvenesceu com pessoas vindas de outras proveniências, que foram ocupando lugares antes reservados a naturais do nosso país. Nota-se a título inspiratório uma mescla e de estilo, uma fundição de estilo em função de uma realidade cada vez mais esquizóide e mesmo esquizofrénica, outros adjectivos terão já meus leitores conseguido inventar, eu apenas me limito a ser o cronista dos meus tempos e reflecto sobre os tempos que vivo procurando ser ou representar uma lança no futuro. Se alguma culpa há daquilo que me sucedeu lá longe na minha vida e nos acontecimentos que se lhe seguiram e toda a depressão e esgotamento que sofri depois da licenciatura, disso me consegui destacar e superar muito bem pela realização de objectivos muito concretos por mérito pessoal. Dantes procurava inspiração de cabeça erguida, ao vento, enlevado, elevado, de cabeça ao vento, como se estivesse num lugar ermo. Agora procuro inspiração como se procurasse moedas perdidas no chão, que alguém deixou cair, como se procurasse juntar uma fortuna, uma sorte que perdi, como se estivesse reunindo argumentos que não são meus. A aventura que me aproxima de novo de Riachos é certamente a de estar

próximo de meu sobrinho Joel e na próxima semana lá voltarei de novo a Lisboa. Uma semana cá uma lá. Um tempo cá, um tempo lá. Entretanto, procuro dar forma a esta forma de sair da crise com alguma coisa escrita, altura em que o país se prepara para eleger mais um Presidente. Decerto que irei votar em Fernando Nobre, o candidato que me permite mais uma vez quase anular o meu voto por falta de referências entre os grandes candidatos. Os tempos que vivemos em Portugal são de tensão social, de grande tensão e normalmente neste particular a população portuguesa torna-se subserviente e facilmente manipulável por um bando de crápulas ideólogo entre os quais de contam ideólogos do governo no poder que criticam ou não o estado de coisas instituído e não ousam combater o actual estado de coisas e apenas ousam construir o que é para seu bem próprio. Os momentos presentes de tensão podem espalhar-se a populações de outros países aqui residentes, embora acredite que o nosso país seja ainda maduro neste aspecto, mas há um conjunto de itens ainda a estabelecer para que se evite o confronto social que me parece que, como parte da Igreja prevê, vai ser inevitável, quanto mais não seja com a vinda do FMI e o estabelecimento de rudes leis económicas.

ELOGIO DO HOMEM NORMAL

Deveria escrever-se um livro que elogiasse o homem normal, no seu quotidiano, o homem que se esforça em todos os momentos, que se esforça por discernir em todos os momentos e que pretende cumprir um destino mais ou menos extensivo na sua linha biografico-temporal. E como se define isso?, de que a nossa televisão é espelho, especialistas em crimes, especialistas em mentes, mentes criminosas, etc, etc, faltam homem

normais, que cumpram no quotidiano e se metam na sua própria vida e não criem chatices e mesmo isso hoje em dia é difícil de encontrar mesmo no nosso país.

O MITO DO LUGAR: A LÍNGUA COMO PONTE ENTRE O AUTOR E A PAISAGEM

Decerto que estamos integrados na paisagem que descrevemos, nem todos somos como Heidegger na sua cabana, eivado de sentimentos e ideias e abstraído do lugar onde estava, decerto bastante absorto nos pensamentos do que havia vivido e sentido na sua vida anterior, sentimentos de guerra e violência, se atroz violência a que o seu povo havia conduzido a humanidade e ele lá dava testemunho disso, do lado de cá da Europa continua fazendo-se filosofia em tempos de paz, saboreando as ondas do mar, em tempos de crise económica, ainda pressionados por ditames económico-políticos de alemães e franceses, fugimos a isso por interesses outros que temos. O lugar onde escrevo está esgotado de sentimentos para mim, sobrevive um ser, o meu sobrinho, que como sobrinho de Durkheim continua sobrevivendo para além dos meus dias permitidos, fazendo vingar uma raça de observadores da vida humanas, construindo pequenas teorias que não são publicadas em grandes revistas científicas, mas que fazem o seu sentido existirem por si próprias. Vou até ao café da aldeia. Arrasto-me como um fantasma de 2000 mil anos em busca de reconciliação num cemitério em plena noite das almas das famílias desavindas como numa festa. Sou eu na verdade o padre desta freguesia. Só não celebro missa nem

tenho royalties. Seja como for, não estou longe daqui nem sei o que ganho verdadeiramente com tudo isto. Apenas sei que um dia poderei ser reconhecido como o cronista destes tempos conturbados junto de alguém como seja os amigos dos meus sobrinhos, e isso já me deixa muito satisfeito. Deixa-me mais satisfeito do que ganhar o prémio Nobel e ser realmente famoso. É que sei na minha intimidade que relatei algo de importante, que cumpri uma função enquanto cronista, tal como Fernão Mendes Pinto lá longe e eu aqui tão perto, no meio de tantas ideias que me surgem, que me fogem e que me escapam entre os dedos da mente que funciona como uma mão que as agarram reste ao chão no vento e as espalha pelo ar as semeando para outros as poderem colher. Escreve este livro pois feito de mosaicos de pensamentos sob inspiração de meu sobrinho Joel, ele é a inspiração que me ajudará a sair da crise. Ele é a razão porque acredito ainda que vale a pena trazer filhos ao mundo, apesar da sua aparente ou real perigosidade, como ser fosse uma rosa nascida entre espinhos num deserto. Surge assim uma luz ao fundo do túnel, uma saída perante a crise e o meu rosto toma de novo alento para que o meu corpo prossiga a luta, os meus irmãos decidem ajudar-me mais uma vez e eu não tenho outro remédio senão pedir ajuda, a pretexto de considerar-me totalmente falido. Terei de recomeçar do zero, com a minha pensão e almejar procurar de novo algum emprego provisório com que me possa aguentar mais ou menos bem. A esta altura não digo que estou vencido mas digo que estou preparado para tudo e só quero passar por um período de quarentena em que me possa preparar para uma nova etapa de equilíbrio, balanceada, em que possa de novo fazer algo de positivo.

Para mim, a paisagem não é senão o enquadramento de algo que já me precede, que trago precedentemente e que enquadro com o tempo, progressivamente, nos dias em que estou habitando o cenário da escritas das minhas palavras na paisagem actual, como se a paisagem fossem a tela

gigante onde escrevesse as letras que minha memória dilata no espaço envolvente do meu espírito. Assim, contemplo e completo-me na paisagem que habito depois de fumar um cigarro, vejo uma moça ladina, uma mulher que escapa de um telefone público em lágrimas, os miúdos que saem do jardim infantil, tudo como sinal oposto da morte que vai pouco a pouco habitando alguns dos meus dias, e esses sinais subvêm como substitutos desses sinais de morte, fazendo-me acreditar cada vez mais na vida e nas palavras, na escrita das palavras. Assim, neste sentido, desloquei-me uma vez mais ao café da aldeia para explorar uma vez mais a mina que tenho reservada para mim como filão de literatura para escrever neste mundo de fantasia e ilusão, ilusão, este mundo que me engana a tantos momentos e que em tantos momentos me engana com certas e/ou falsas evidências, queria ter tempo para me dedicar a toda uma filosofia de Gilles Deleuze, mas neste sentido parece ser difícil de conceber a efervescência inspiradora que vivi noutros tempo, mas julgo que poderei recuperar com muito trabalho em breve e dedicando-me por inteiro a tal tarefa editorial que ande em torno de projectos pessoais. Essa ideia que consegui encontrar e que me levará até ao fim deste dia é José Mourinho. Conheci um miúdo que em pequeno tinha dificuldade em impôr-se junto dos maiores no seu grupo da escola. Os maiores foram crescendo, eles também. Muitas coisas foram acontecendo, foram do grupo, como dentro dele também. Entretanto, coisas bastante más foram acontecendo, coisas más que os jovens foram precisando de fazer como ritos de iniciação para entrarem no grupo dos maiores, mas entrando por foram, esse antigo miúdo entrou noutros círculos e veio a provar ter entrado noutros meios que nunca foram acessíveis a membros do grupos dos maiores esses amigos de infância do miúdo. Foi então assim que decidiram por fim dar-lhe reconhecimento e acolhê-lo como membro de pleno direito no grupo. Esta podia ser a história resumida de José Mourinho no universo dos treinadores de futebol.

Sibilinamente, decidi mudar de estratégia, estava farto de ir ao mesmo café de sempre, com o mesmo ambiente pesado e parece que todos me seguiam por lá em busca de uma herança, a minha herança em busca de gozação de mim próprio, pelo que decidi unilateralmente tomar as rédeas no quotidiano e erguer-me senhor autónomo de mim próprio nestes domínios de Riachos e não mais seguir ninguém. Podia bem ser nobre e pensar que as teses dos outros eram noutras áreas e que ele nunca seria um concorrente de mim

próprio. Só que notei que ele me seguia como vampiro, me seguiam como vampiros sugando mau sangue nobre. E eu estava ficando seco e exangue. Tinha de tomar uma medida. E tomei. Ser duro nobre e rígido e autónomo no quotidiano. Esquecer o café antigo café principal, esquecer, esquecer. Porque sinceramente, estar em Riachos e estar falando com aquele indivíduo era como ser um cientista que analisa os odores digestivos que podem ser muito interessantes, mas que fedem que se farta e fazem mal à saúde psíquica e entortam a visão como cientista, só se fica vendo aquilo e mais nada, eu tenho de apanhar novos ares, é como estar observando um trolho tempos e tempos e depois ter a surpresa de descobrir que não é cócô de de cão, mas de gente, puxa. Mas pronto afinal de contas, eles andam com teses para aqui e para acolá enquanto eu ainda vou escrevendo as minhas próprias coisas. Isso ninguém mo tira. Portanto fui ao café da Igreja, ainda era para entrar num tradicional e acho que a dona notou a minha hesitação mas que se dane, mas não fui, enfim, nesse caso, bebi o meu café com *7 up* e comprei o meu tabaco e aqui estou eu pronto para mais um dia de trabalho. Este romance vai já em cinco páginas, já não é mau para este poucos dias, contando que estou escrevendo no escritório de meu pai e que deveria estar escrevendo eu seu nome as injustiças que lhe fazem enquanto cives de Riachos, mas isso fica para o julgamento da história afinal sempre acreditei nisso e na boa vontade dos outros, talvez venha a dedicar-me a isso nas próximas linhas, nos próximos dias, porque nunca a sério me dediquei a isso e acho que afinal de contas o pai Artides merece. De modo que como entrei no café moderno e estava se fazendo música sobre um superhomem tipo Flash dos anos 80 pop eu fiquei todo animado e até vou quebrar esta malapata e tirar da cartola o coelho desta história de Riachos que falta por contar, que é a história da minha família com Riachos, para que se faça justiça, pelo menos a história de meu pai com Riachos, para que alguma justiça se faça. Este quotidiano que eu

sempre quis descrever em criança em que não era antropólogo e que agora que o sou falta-me, nada, não ma falta nada, que disparate, tenho tudo o que faz falta para escrever um bom romance de etnoficção, uma boa etnografia, o bom romance etnográfico, só não posso é andar por aí a tirar fotos, porque afinal de contas julgam que eu faço isso por interesse não para bem da ciência antropológica, pois eu esclareço mais uma vez, o que eu faço não é pura literatura nem pura ciência: não tenho o espírito diletante de um literato nem as conversas com os pares cientistas para aferir teorias (embora ande ultimamente a propor algumas teorias no âmbito da psicologia social), o que eu faço é etnoficção. Isto que fique bem presente nas vossas cabeças. O facto de não estar trabalhando prende-se com o mundo de ideias que sempre tive fervilhando na cabeça, não há lugar na minha cabeça para trabalho por conta de outrem, o que eu tenho de pensar é de pôr em ordem todas estas ideias, arrumá-las e ver que sou muito superior àqueles que trabalham por conta de outrem e se esforçam por parecer públicos porque cultivam uma imagem pública quando a nível de conteúdo nada têm para oferecer. De modo que temos neste contexto etnográfico um pano de fundo pouco filosófico mas digamos uma perspectiva filosófica, que se pode converter num plano interessante a este nível, na medida em que contém não muitos personagens, portanto analisáveis densamente nas suas correlações, numa paisagem que bem podia servir a um livro de Saramago pois não é de todo belicosa nem de todo pacífica, em que há um cacique local que domina a vida e morte, a habitação e a religião, a saúde, enfim, face à permissividade de todos, como no velho oeste mais que americano digamos que mexicano. O lugar onde as hierarquias são lentas e separadas, onde a transmissão de poder é pouco fluida aparentemente, onde o autor parece nada saber da forma como se dá a transmissão de poder nem quer saber nem precisa de saber nem do acordo desses transmissores de poder para escrever o presente livro. O que se

passa entre nós é algo deveras gritante, temos *know how* mas não temos os meios, temos tudo mas não temos os meios, pois os meios estão entre os mais ricos do norte e quando deixarem de estar será muito triste para eles, será uma desgraça total para eles e acredito que chegará a nossa hora e a hora dos negros e de todos os injustiçados daqueles que têm tudo mas não têm meios de se realizar. Isso é que faz desesperar os povos do sul e gerar revoltas ráticas contra os povos do norte e com muita justiça, porque mais uma vez se verifica a lei do mais forte-mais inteligente-mais branco. Ora, esta hierarquia de valores está em curso de ser invertida progressivamente. Boaventura Sousa Santos explica tudo isto, isto e muito mais, como os seus discípulos e apaniguados. Afinal quando se acabar Boaventura acaba-se muita coisa. À sombra dele estão muitos vivendo e sobrevivendo e eu felizmente por cá vou escrevendo não a partir de teorias dos outros, mas as minhas próprias teorias. Mas falando de coisas bem melhores, é que afinal o indivíduo apenas luta por ser aceite no meio de um grupo, enquanto que eu naturalmente já faço parte dele e não tive de lutar por isso, lutei por outras coisas bastante mais difíceis como a promoção intelectual e a aceitação no meio de uma comunidade intelectual e urbana, mas enfim, isso são história de que não vale a pena me vangloriar. O que podemos ver é que a mudança de padrões sócio económicos a nível mundial que estamos a verificar acontecer pode atestar que a minha aposta inicial na antropologia a e nas sociedades tradicionais estava certa, o mundo já não vive um binómio entre desenvolvido/subdesenvolvido. Disso fala a emergência do Brasil da Índia e da China e declínio da Europa. E estes países estão colonizando outros mercados em vez de sendo colonizados. O progresso e o desenvolvimento está nas sociedades tradicionais e não nas desenvolvidas, onde aumenta o desemprego e a especulação financeira. Portanto, no âmbito civilizacional, pode-se dizer que enquanto a civilização ocidental põe o assento na personalidade e no individual, a sociedade não

ocidental (que de facto não é o mesmo que sociedade tradicional) põe o acento no colectivo e aí pode estar uma das chaves da porta de saída para a crise, o assento no colectivo e a salvação de muitas empresas pode estar no reforço da sua capacidade humana ao invés de sua mais recente tendência tecnológica e de racionalização de efectivos. Mas como é que se aplica isto a uma empresa como a do meu irmão, uma empresa de aluguer de espaços comerciais e industriais, que vive essencialmente da renda de comerciantes e industriais que queiram arriscar e anunciar seus produtos no mercado? Vamos a ver.

Só que Coimbra para mim não foi nenhum sonho de estudante ou doutor graduado em direito, nem sequer tive nem meu pai tinha esse sonho, nem sequer o encontrei em Lisboa, o que encontrei foi o pesadelo da depressão e irrisão dos outros onde não há individual nem colectivo que nos valha, nem Deus mesmo, a terra inóspita e desabitada de ninguém que é a do abandono à falta de forças, à doença psiquátrica à perda dos outros que pode bater à porta de qualquer pessoa. Talvez fosse por um motivo em particular. Mas hoje vi de novo num banco de jardim mais uma vez o personagem com que comecei o *Caderno de Encargos*, havia-se transfigurado estava mais velho e sofrido, estava sem mãe, perdi por momentos o poder e a legitimidade para escrever, achei que me estava apossando de património sentimental que não era mau, mas por outro lado eu fazia parte da paisagem, estava e não estava ali, estava de passagem e de alguma maneira puxava por aquele homem cansado incitando-o a viver, oferecendo-lhe um cigarro, para que sorvesse pelo menos mais um trago de nicotina, para que seus pulmões respirassem mais um pouco de ar. O mundo estava mais velho naquele ano de 2011 em Riachos. E assim se fez história. E assim se fez a história do abandono de como Natanael e outros votaram o seu amigo Joseph, amigo de infância durante a sua “saison psychiatrique” no hospital de Coimbra em vez de na université de Coimbra.

Mas a vingança não tardaria em acontecer. Joseph procuraria em Lisboa, na capital, no centro do poder, longe do polvo tecido por Boaventura, a sua vingança pessoal, à maneira de Jackson Browne, como lera numa das suas sessões de Expressão Dramática. Aprendera a não fundamentalizar as coisas, a estar aberto a todas as questões da vida, a não absolutizar as questões e as pessoas, a respeitar sem laicizar ou fundamentalizar. Não, não se tratava de vingança, mas de uma forma exemplar de repor as coisas, de uma forma de justiça, tal como dissera Rawls, dizia ele, a justiça natural, mais a justiça daqueles que são mais dotados, porque o são naturalmente e têm um dom e o desenvolvem, têm uma curiosidade científica desinteressada e a desenvolvem independentemente das condições como rosa no deserto, isso é talento e não ter talento porque se se sente inferior e se pretende ingressar num grupo, aqui eu descobrira tudo, descobrira-lhe a careca toda e se esse inimigo me ofuscava desde a altura em que lhe dei valor desconsiderando-me a mim próprio, vi que ele não me dava valor por eu lhe dar valor, antes se aproveitava disso à brava e desrespeitosamente para subir na vida academicamente socialmente e monetariamente ele e outros, resolvi por isso não só ter como manter outro tipo de abordagem, possivelmente mais discreta mais se dúvida mais eficaz. Quanto a esta questão, está quase arrumada, agora falta a questão do mau pai. Ora meu pai sempre foi um homem de iniciativa e independência individual muito forte. Polémico e motivador, chega ser desconcertante por vezes. Está sendo progressivamente esquecido, talvez porque seus filhos fossem esquecidos também progressivamente a nível local, talvez por terem visto que esta gente, como disse Cristo, é gente que não interessa a ninguém, não é fria nem quente, é morna, por isso terem preferido as gentes do sul e do norte.

Mas enfim, estamos em condições de anunciar uma nova teoria em psicologia social, a teoria da progressão lateral, que explicamos um pouco

mais acima que podemos melhor explicar agora. Quando um individuo, fazendo-me a mim próprio como objecto de experiência em vez de usar ratinhos, procurar conquistar uma posição de relevo na sociedade num grupo que não o seu de origem para de facto conquistar uma posição elevada no seu grupo de origem, podemos dizer que está a correr por fora, como nas corridas de pista de oitocentos metros. Podemos dar a este movimento o nome da teoria da lateralidade ou teoria da progressão lateral. Todo este uso que estou tendo do português mais vernacular tem muito a ver com o facto de estar bastante frustrado com o caminhar das coisas e lutar com a minha escrita para que as coisas mudem aqui neste nosso Portugal: que poderá mudar pois sem que precisemos de voltar aos países onde nossos pais ganharam a vida, como pode Portugal ganhar de novo e definitivamente a batalha do desenvolvimento a fim de ficar no estádio de oportunidades que permita garantir às gerações futuras um tempo de estabilidade e segurança, de desenvolvimento para que se possam articular socialmente e desenvolver seus negócios, ideias e ideais e fim de que surja um país plenamente desenvolvido e autónomo e que saiba, pelo menos em termos de energia, aproveitar o que a natureza lhe dá? Mas se nestes assuntos não sou especialista pelo menos a eles voltarei mais tarde com maior preparação. Por enquanto vou voltar a alguma filosofia pois neste momento vejo-me parado nos graus que me encontro efectivamente a fazer por falta de financiamento e efectivamente sem falta de comunicação com a comunidade científica e isto não pode ficar assim mais por muito mais tempo. Mas, por outro lado, não posso habitar os dias, habitar os lugares, pensando que vou ter mais e mais ideias em cada novo lugar em cada novo dia, em cada nova manhã, isso pode muito bem não acontecer. Ser escritor é uma espécie de dissimulação, de saber dissimulado, que nada tem a ver com a frontalidade descarada do político que pensa que oferece a verdade mas que oferece uma parcela dela. Portanto, as coisas estão neste pé: não

pode haver financiamento total, uma total e cabal saída para a crise de um momento para o outro, essa saída tem de ser negociada, a posição periférica de Portugal é ilusória pois as comunicações e nomeadamente as telecomunicações facilitaram tudo de tal maneira que não podemos dizer que haja regiões periféricas no mundo, estamos numa aldeia global, cada vez mais globalizada, vou a um café da aldeia e tenho duas marcas de tabaco, vou a outros dez metros adiante e tenho vinte marcas com acesso a música e jornais diversos que não apenas o *Correio da Manhã*. Posso ter ligação de banda larga num local ermo, desganhado e solitário, só me falta comunicar com os meus antepassados, mas isso também se pode arranjar em diversos *talk shows* da têvê. Portanto neste aspecto dou razão a Vale de Almeida e a Sousa Santos. No que me diz respeito, noto que as coisas não mudam de sítio. Conheci em tempos um senhor espanhol que me falou de um cão, o Tolstói, que depois de o dono morrer, visitou durante doze anos a sua campa, ia de sua casa à sua campa, era o último habitante de sua casa abandonada na aldeia, que seus vizinhos não visitavam por respeito e que ficava num vale, numa esquina de uma rua não central, numa urbanização originalmente feita por um dos senhores ricos da aldeia. A casa era constituída por diversas salas e quartos, em dois andares, com um telhado de quatro águas, acompanhada por uma casa mais pequena de duas águas que fora originalmente uma garagem, onde o chefe da família guardava as suas ferramentas de trabalho. Este grande jardim frontalizava a casa e a ladeava também. Ela dava para uma rua sob duas maneiras. Mas porque caiu em declínio esta casa? Teria pertencido ao espanhol que me contara a história? Não me lembro se ele falava de si próprio ou de alguém que conheceu. Se fosse de si próprio, seria justificativo que essa casa entrara em decadência devido à morte das filhas e da esposa do espanhol que encontrara na estação de comboio num acidente de automóvel quando um camião embatera contra eles violentamente frontalmente. Mas se fosse de

outra família o caso era mais intrigante. Talvez se o viesse a encontrar mais tarde lhe perguntasse de novo algo mais sobre o caso da casa em decadência e do cão, seu último habitante, que visitou durante 12 anos seu dono no cemitério, até morrer em cima da campa desde numa Primavera de 2008, descoberto por Sisenando em Sevilha, preparando-se a população desta localidade para erigir uma estátua ao perro em sua homenagem pela fidelidade que mostrara ao seu dono e em homenagem à fiel raça canina, à semelhança do que acontecera em Inglaterra com um cão também que experimentara dor parecida. É bom saber que em certo sentido, posso retomar uma vida normal na próxima semana, tudo devido e graças à minha irmã, aliás, tudo o que sou devo à minha irmã, pois ela me permitiu erguer para além do chão, mesmo *Levantado do Chão* depois da doença que me prostrou, a ela devo tudo e ela é a primeira a defender a minha autonomia. Poderei então procurar uma nova ocupação que substitua uma estada algo penosa em Riachos que, no entanto, me permitiu adiantar mais um valoroso volume, este Elogio da Normalidade, em que defendo, ao contrário do Elogio da Loucura, um comportamento normal e condicionado que possa devolver uma paz e criatividade aos nossos dias conturbados pós-modernos. E se eu pensava em fazer alguma coisa com o meu passado académico em relação ao meu possível futuro académico, estou agora em condições de o fazer mais uma vez, pois não só tenho oportunidade de efectuar o doutoramento, tudo dependendo do orientador que conseguir encontrar como do dinheiro que tiver para pagar propinas. Basta estar atento não ir desistindo, que o objectivo de fazer antropologia e filosofia pode muito bem ainda ser possível e realizável. Este ano talvez não faça nenhum dos dois, aproveitarei para por as finanças em ordem a preparar-me para o próximo ano lectivo, mas no próximo ano estarei de novo pronto para atacar, preparar-me-ei devidamente, trabalhando e ganhando alguma autonomia, que é o mais fundamental, tanto mais fundamental é que

estudar antropologia e filosofia e seria até mais fundamental apaixonar-me e criar uma família ou arranjar mesmo emprego a tempo inteiro, ou seja, um grande tacho, como todos procuram arranjar. Chego, portanto, a um momento doloroso em que me prostro de cansaço e tenho poucas energias para continuar, mesmo assim, não tenho uma longa história para contar que não seja uma história de enganos e desenganos. Irei certamente desistindo da antropologia e da filosofia, que não me dão sustento, talvez me apaixone por alguém, talvez encontre uma ocupação que me permita fazer face ao meu parco rendimento da pensão que tenho que não dá para ter nem manter esperança de vida em nada, tenho a casa, que é o que me vai valendo, mas se não deixo de fazer dívidas, também essa poderei deixar de a ter, portanto há que ter cuidado. Então, vou aguentar-me por aqui quanto puder, e tentando escrever o máximo que puder, que é o que melhor que sei fazer, o que melhor tiro desta vida. Custa bastante nestes tempo de crise manter e alimentar a inspiração já que é nas terras da abundância que melhor ela se entretece e desenvolve. Mas ao génio nada escapa e a necessidade aguça o engenho e quem como eu faz da escrita a sua profissão só vê nestas ocasiões sinais para mais um argumento no sorriso de uma jovem, num camião que passa mesmo perto de nós ao ponto de quase nos levar à frente em plena cidade universitária, no semblante triste de uma jovem adulta que mais parece o rosto envelhecido do Portugal de hoje em crise, etc, etc, tal como o pintor vê ocasião para pintar, vejo eu ocasião para ver quadros donde podem sair imagens que para aqui trago de modo a retratar um pouco do que é o meu quotidiano e talvez por não falar frequentemente com amigos veja as coisa de um modo, por um lado familiar, por outro, frio e objectivo. Hoje não fui à baixa. Não digo que vou nos próximos dias, mas vou ficar por cá estes próximos dias, até porque quero votar no próximo fim de semana para as presidenciais. O país está realmente em crise, sinto-o mais do que em 90, sinto-o verdadeiramente na pele, senti-lo-ia mais ainda

se tivesse casado e tivesse filhos, por isso já agradeço a Deus por não ter, imagino o peso do Carlos e do Pedro, da Sandra e da Anita. Afinal de contas, depois da crise psicótica que tive, caí na invalidez e não é fácil levantar-me. Tenho dificuldade em relacionar-me com as pessoas. Desactualizei-me. Perdi muito tempo. E com este tempo todo a fazer filosofia e escrevendo foi ainda pior. Mas pronto, foi uma opção. Que caminho agora seguir? Tenho de ponderar. No autocarro veio-me uma imagem depois de ter visto uma jovem de origem árabe no metro, a propósito do conflito tunisino: querem por força que o país msc desenvolva, é como obrigar a construir sem planeamento, com uma arma apontada à cabeça. Como se pode desenvolver um país assim? Digo ao meu irmão, tenho duas linhas telefónicas suspensas, vou reactivá-las, duas linhas fixas, para quê, duas linhas fixas e hoje em dia tudo é móvel, antes de mais o pensamento? Enfim, decido manter uma, que será a linha que usarei para a editora e a sede da motaconsulting, com a qual criarei o meu próprio emprego, já que o meu irmão experimentou emprego por conta própria como eu e não se deu bem, eu não sei porque insisto, já fui à falência três vezes, três vezes emergi, o país vive subterraneamente, como uma toupeira, não pode ser, tem de vir à luz, de modo que duas linhas fixas, seria uma para a editora e seria outra para a mota consulting, mas pronto mantenho uma para tudo, negócio de família, nem que tenha de passar fome, nem que tenha de esconder isso da família, mesmo que tenha de tirar à televisão, como no euromilhões. Hoje fui almoçar à Portugália, os olhos do mundo da economia estão centrados neste pequeno país que procura, juntamente com Espanha, vender a sua dívida, soberana, dizem. É claro que posso dizer que estive a dormir todo o tempo e agora acordei, mas simplesmente estive a escrever, a preparar-me para melhor preparar os outros, estes acidentes acontecem, agora sei que de certo modo tenho de mudar de rumo, com o que aprendi, oxalá tivesse um lugar onde me

pudesse encaixar e transmitir alguma coisa aos jovens, mesmo que fosse em inglês. Sinto que estou sendo desperdiçado e engolido pela voragem do tempo. Só a escrita permite que eu permaneça, por isso não quero trabalhar, por isso agarro-me à escrita, nem quero traduzir, agarro às ideias. Hoje fui à Portugália e deixei lá 16 euros, o dinheiro para dois dias, que podia ter deixado num supermercado, quer dizer que amanhã não há tabaco nem compro comida, tenho de me aguentar, como fiquei revoltado, essa revolta contra mim própria e a sociedade e a crise sei lá o quê mais juntando impotência converteu-se em inspiração e afinal telefonei ao meu irmão e coloquei-lhe um desafio para ver se ele também sai da crise em que se encontra lá no Alentejo que é bem pior do que a minha. E se eu não fumasse o sangue explodia-me dentro das veias, corria tanto que nem «um maluco, tinha de fumar para reter tanta energia que tenho, para não me dispersar. Vivemos numa crise. Numa crise que é antes de mais uma crise de valores. E está tudo dito. Foi o que me disse Isabel, a minha companheira desde que se instalou a crise. Posso dizer que tenho sido abençoado. Tenho tido a sorte de não viver em crise, porque se estivesse em crise, verdadeiramente, talvez não pudesse escrever este livro. Mas vou andar ainda mais um pouco nos meandros desta crise. Na Portugália ouvi dizer que seriam só mais três meses. E riram. Eu continuei a comer. E agora estou aqui a exercer o direito que paguei para ser “escrivão do reino”, por assim dizer. Portanto, se a crise de valores é incompatível com a competição e se surge cada vez mais gente nova e de fora para o mercado de trabalho e se a crise é também uma crise do “valor”, no dizer de Anselm Jappe, a minha saída pessoal para a crise será desenvolver a ideia da já criada MotaConsulting a e apresentá-la ao Centro de Emprego. Estará resolvida a minha lendária conflitualidade com o trabalho e minha dependência económica para com minha irmã? Pode ser isto e aqui o começo de uma grande aventura muito mais do que aquela que imaginei

viver longe de Portugal. No meio de tudo isto tá me faltando algum sentido de humor, que vou usar lá mais para o fim, mas antes mais uma história triste. Vou ficando cada vez menos dependente da minha irmã, mas telefono-lhe e sinto o ar aborrecido dela que me parece chamar doente mental e o ar de gozo dos amigos que a reconfortam por ter um irmão que é um chato, tudo imagens que me fazem chorar e pensar em imagens de suicídio e não ver horizonte de nada para fazer à minha frente, mas curiosamente há qualquer coisa que me segura e essa coisa não é o orgulho nem a sede de liberdade ou independência económica, mas a escrita ou será a independência económica disfarçada de fervor pela escrita? Sei lá bem eu, penso em juntar algum dinheiro para imprimir este livrinho e enviá-lo a um ou dois jornais para o começar a publicar, já que não tenho verba (verbo ainda julgo ter) para avançar por meios próprios. Deito-me na cama depois de chorar amargamente e penso logo em escrever, porque não tenho com quem falar, se realmente encontrasse com quem falar não teria a crise de ter de escrever. A crise é ter de escrever e gastar papel. Dizem que tempo é dinheiro. Pois não é. A pressa é inimiga da natureza. A natureza tudo conserta. A religião e a ordem natural tudo irá consertar um dia, bem com as leis naturais. O homem inventou a pressa de fazer as coisas, inventou o lucro, gerou uma fissura no tempo, gerou uma ruptura no tempo, agora tem de se haver com ele. E agora tem de receber o troco. Sim, estou-me referindo às inundações e cheias no Brasil e na Austrália. Bem como ao entendimento dos fenómenos naturais. Ao entendimento dos fenómenos do mundo, que se podem enquadrar pela providência divina ou pela via da fatalidade mundana. Cada um entende como quer, como quer querer como quer crer. Por mim, considero-me um indivíduo que, em termos sociais, não viveu alguns anos da sua vida como devia ser, embora tendo estado por cá, mas pronto, não podia estar sempre por cima. Estive longe de tudo, do mundo, dos 15 aos 18 anos e mais tarde também, durante vários anos,

isolado voluntariamente e ainda assim continuo, ora por exigências de profissão, ora por contingência de vida, ora por circunstância da geografia. Tudo por causa de um colega que agora tem muito êxito. Anos da vida perdidos. Que fazer agora? Escrever.

Mais duas páginas é o desafio de hoje. Saí de casa sem comer. Tomei a medicação. Cheguei a casa e lembrei não sei porquê de Berlusconi. Decidi ir pelo menos ver o mau email, dado que não tenho conhecimentos para arranjar emprego neste país, nem padrinhos. Se calhar foi por causa disso que me lembrei dele. Mais duas páginas, hei-de lá chegar. A minha inspiração chega a ser fartamente estonteante. Polícia por todo o lado, hoje, parecia que me andava a controlar os passos, chamem-lhe mania da perseguição. Tenho de me ir deitar um pouco a ver se as ideias assentam. Apetece-me abanar este país, sacudi-lo de alto a baixo, sacudir estas gentes e gritar, diacho, estamos em crise, vamos mexer-nos, mas não o faço, aguento pacificamente como todos, somos pior que legionários de Gandhi, um exército de pacifistas sofredores, até quando? Temos um destino sublime distinto do dos espanhóis e italianos e dos gregos, aguentamos muito mais do que eles, em nome de quê, porque somos tão masoquistas? Em nome de um quinto império que será o paraíso para inúmeros filhos que terão a paz eterna depois do nosso sofrimento? Será isto justo para nós? Passei por um aglomerado de ciganos, virei o rosto e dei de caras com a merda dessa vida nómada, mas pensei que a vida sedentária também é uma merda, a vida é uma merda, a morte è uma merda, é tudo uma merda e que fazer qcom tudo isto, *life sucks*, afinal vou ter o mesmo desígnio de escrever um hino como Rui Veloso porque faço parte da classe operária, um hino chamado “my dream’s to have a job in downtown”, o meu sonho é ter um emprego na baixa, talvez já vá um pouco tarde, mas faz um pouco de sentido para mim este tipo de atitude. De modo que passei no metro e enervei-me na discussão de dois vendedores que estavam no mesmo lugar

discutindo um cantinho de venda ao sol, porra, estavam os dois a monte, as pessoas estão todas preocupadas com a economia, o mundo da economia torna as pessoas bizarramente loucas e sedentas de egoísmo, grainhas, sedentas, mesquinhas, merda para as pessoas todas, para esta interdependência entre as pessoas, fosga-se, diacho para quem criou o mundo, afinal ninguém criou isto, foi obra do puro acaso, e ao acaso regressará, Deus foi um ser que roubou os direitos de autor ao acaso. As pessoas estão voltando a tempos bíblicos, mais uma vez Nietzsche está actual, é preciso quebrar tudo isto, todo este verniz, fazer estalar toda esta falsa riqueza do norte, toda a falsa pobreza do sul e dar uma grande volta em tudo isto, revirar o planeta de alto a baixo. Uma pessoa quer emprego e não tem porque não tem conhecimentos, tirou um curso que não pode dar aulas, agora já não pode fazer nada com o mestrado, nem sequer dar aulas, isto dá vontade de emigrar, mais valia ter isso para advogado, era mais fácil, para filósofo, era mais fácil, para diplomata, era mais fácil, entrava-se no sistema, era mais fácil, mas porque não se está no sistema, não se mama da teta, não é? A grande batalha que a humanidade tem de enfrentar é de facto a da sua sobrevivência, pois que já está implantada há longo tempo no planeta, é isso que tem de enfrentar. É claro que vivo num bom apartamento, numa zona rica da cidade, mas não posso negar que cada centavo que tenho foi ganho por mim e pelos meus familiares com suor do rosto, nada foi retirado aos outros, somos da classe trabalhadora, mas vivo como escritor, produzindo um pouco mais que o Saramago por dia, digamos, o dobro, ainda não vi a luz do sucesso, nem literário nem académico, mas já difundi um pouco da minha luz e inspiração aos meus amigos e conhecidos, gostaria de ter mais dinheiro para publicar coisas minhas e dos outros, inclusive para debater e comunicar mais e minha obra reflecte um pouco as minhas vivências, mas tem-se o que se pode ter, já me dou por contente com o que tenho. Se puder produzir até ao fim da minha

vida, duas páginas a um espaço e meio times nem roman 12 caracteres seria bom. Seria uma média ótima. A loja em frente dos indianos não leva nada para carregar o telemóvel e o raio dos indianos levam cinquenta cêntimos na loja do metro para carregar o telemóvel. Mas também um cartão lá custa três euros. Bom, ainda tinha qualquer coisa para dizer a respeito de qualquer coisa mais, mas acho que entretanto vou sair para comprar qualquer coisa para comer depois voltarei mais tarde, espero que um pouco mais animado. Entretanto, espero vir com mais ânimo para trabalhar um pouco mais na tradução a fim de oferecer um livro de Le Breton às editoras que tem a ver com os jovens e que pode ter boa saída. Ah! Já me lembro, por falar em jovens, o que mais queria dizer. Vejo, enquanto estava na paragem escarafunchosa do 708 na estação do Oriente à um indivíduo a sondar o chão, a cabeça parecia uma tabela giratória, um volante de um autocarro, de um lado para o outro, enquanto que vejo uma jovem recolhida, num canto, debaixo de uma trave de cimento enorme. Ela puxa e acende um isqueiro e anda com ele de um lado para o outro –estava a acender um charro. O tipo olhou para ela lívido de inveja, mas não a abordou. Chegou o meu autocarro e eu entrei nele. Dali a pouco vejo-a sentar-se a meu lado. Reconheço-a. Dali a pouco, decido meter conversa propedêutica com ela, nem sei se estava ser intrometido com ela se não, mas não tinha interesse na miúda, só estava a tentar ser “amigo”. Digamos que tinha passado por uma experiência semelhante há tempo e não tinha gostado. Tinha convidado um miúda prostituta lá a casa e tinha fumado uma ganza com ela, mais a ganza que ela havia deixado numa caixa de fósforos quando se foi embora. Fiquei mal uns dias. De modo que queria “ajudar” a jovem, afinal era tão nova. Meti conversa com ela. Disse-lhe que era professor. E que a tinha visto a fumar uma ganza. Ela não levou a mal. De facto foi rápido, no bus, mas foram mais os silêncios do que as palavras. Disse-lhe que tinha 40 anos e que em toda a minha vida havia fumado

drogas duas vezes, contando que ela também fumava, claro. E disse-lhe para ela ter cuidado, isto, é, para cuidar de si mesma. Fiz mal? Certamente teria pais que a aconselhassem. Em que problemas estaria metida? É assim tão normal os jovens de hoje fumarem? Cigarros ainda vá que não vá...agora drogas....que tipo de espírito preparado para a vida hão-de ter?

Vá, saio de casa, completadas as duas páginas, cumprida a obrigação de hoje, insisto em trabalhar noite dentro, sozinho na noite, esperando vir a telefonar a minha amada mais daqui a pouco para lhe perguntar por novas do vento que passa, avanço em direcção às quatro páginas, que não é coisa nova, que estou cansado, faço o relato do dia, vou fazer a barba, descansar um pouco e zás, volto com ideias frescas para a tela branca. Saio, ainda corro para o autocarro, ainda pensando no táxi que parou à minha porta, digo as boas tardes ao motorista. Vou até ao Oriente. Carrego o telemóvel com 5 euros no extravaganza e planeio carregar o tmn com e daqui a algum tempo para falar com a minha irmã plenamente e com a Isabel também. Seja como for, na loja da Vodafone a moça foi extremamente simpática: é o que vale ser nacional. Vale a pena defender o que é nosso. Depois, vi bem o que teria de fazer com os 15 euros que tinha para hoje: comer, comprar tabaco, carregar o telemóvel, não me sobrava muito dinheiro. Equacionei mais uma vez deixar de fumar, mas que companhia, como me iria aguentar sem essa companhia, sem esse alreago que é o tabaco? De modo que antes de comprar tabaco fui à zona dos restaurantes que já tinha fígado de uma ocasião que tinha lá ido aos indianos com a Isabel, uma secção de comida internacional da marca “wok your way” e pedi um prato de vegetais salteados com um molho de feijão preto e soja, tudo por 4.90 euros, de modo que jantei descansado. Não fiquei por lá porque a iluminação não era grande coisa. A comida estava ótima. Antes de comprar tabaco sentia-me cansado, física e mentalmente. Vi uns cigarros electrónicos e pedi informações à jovem que estava a atender. Acho que vi

uma friesta de saúde ali mesmo. Finalmente uma possibilidade para deixar de fumar. No próximo mês quando receber, vou comprar o kit para experimentar. Agora vou descansar para voltar mais daqui a pouco. Adormeço com uma dor de cabeça. A política envolve-nos e o estado político sobrevém como um novo Leviatã que comanda os destinos de nós, simples peças que somos comandados pela grande maquinaria, numa obra grande de mecânica dos sentidos, dos sentimentos, das acções, das propagandas, lembro-me de quando estava no jornal local e escrevia a ferro e fogo, talvez precise a sério de voltar a escrever num novo jornal com ambiente para tal, avanço por isso em direcção a mais duas páginas para hoje, amanhã se fizer mais duas será uma sorte, pois é dia de reflexão, de descanso, mas conto, mesmo assim, fazer quatro hoje e escrever mais quatro amanhã, assim Deus mo permita, vou também mexer em escritos antigos, isto nada tem a ver com a crise, de facto, devia estar procurando emprego, mas onde, na rua, na net, não tenho net, tenho de ir à faculdade ver o meu email pelo menos a saber se já tenho alguma novidade, mas quanto aos sete ou oito empregos a que concorri no início do mês de Dezembro quase tudo foi por água abaixo, só restam duas hipóteses, a dos neokantianos por dois meses e a vaga para Grândola, mas esta última já deve estar encomendada para outro licenciado lá do sistema da terra, enfim, vejo-me encalacrado nesta terra, neste território, passa-se mais tempo a procurar emprego gasta-se mais tempo a procurar emprego do que de facto a trabalhar, é uma chatice das grandes, depois também moro quase fora de Lisboa, eu sei tudo são desculpas, mas agora se calhar é mais fácil ter de assumir que terei mesmo de levar a vida a escrever, o mais difícil é ter de depender do dinheiro que a minha irmã me dá, que é o facto de ser dela e o facto de ser tão pouco, na realidade tenho de ver o que consigo mais fazer, a ver se consigo vender este livro pelo menos a ver se consigo traduzir e vender alguma tradução para viver um pouco mais disto para fazer perdurar

este meu modo de vida. Não sei o que me espera lá fora hoje, é sexta feira, vamos lá ver, nada de muito especial, amanhã é sábado, cá terei a Isabel por cá certamente ou não, mas daqui a pouco certamente que vou comprar o Diário de Notícias e procurar algum emprego que me possa ocupar pelo menos enquanto part-time para que possa estar ocupado e ganhar pelo menos alguns 300 euros. Diacho, as coisas em casa estão desconcertadas, preciso de arrumação geral, preciso que a mãe e a Sandra venham cá por isto tudo em ordem, elas sabem dar um toque de classe e ordem a tudo isto, parti o varão do banho, as roupas amontoam-se zangadas, eu ando com os músculos cansados, com a cabeça a zunir, com interferências de todos o lado, ansiando pelos cigarros electrónicos. Até logo. Pois aki estou, horas mais tarde de ter saído e de não ter comprado tabaco. Bebi uns três ou quatro cafés, enviei um postal para casa dos meus pais, visitei a loja do DN onde li os títulos do jornal de hoje e me apercebi que há poucos anúncios de jornal, os anúncios vão todos para a net, disseminados pelas instituições e empresas de anúncios. Seja como for, estive também no Chiado, onde passei de raspão e falei um pouco para um spot da manteiga Planta, que tinha o pão bastante rijo, com o humorista Eduardo Madeira. Estive nos Correios onde comprei um selo para uma carta para a Sandrina e mais três selos para diversas cartas que aki tenho, ganhei um certo fervor quanto vi pessoal no IPJ falar de mim, mas seja como for lá continuei no meu caminho, pouca me demove, ainda me dá mais força. Fiz umas compras de comida e jantei em casa uma sopa e um prato de bacalhau à Brás, tendo carregado o telemóvel 96. Cheguei ansioso a casa por pegar no computador, desta vez não para escrever mas para pôr ideias que tinha em mente no papel, i.e., ideias relativas a uma oficina que contos levar a cabo no próximo ano lectivo e a sessões já para este ano lectivo para ver se ganho algum com um curso de escrita criativa em termos de escrita etnográfica e a ver se acabo em breve este livro a ver se o vendo dentro de

breves meses. Vislumbrei um fim hoje para a crise na minha mente, um fim económico, pela primeira vez, claramente. E que irá ser e coincidir com o dia das eleições de amanhã, portanto, bem antes dos três meses que estava previsto. Muitos dias depois, cerca de dez. Pergunto-me a mim próprio o que será preciso fazer para sair desta crise? O que será preciso para sair de uma crise em geral, de todas as crises? Bem, eu sou modesto, só quero sair desta, não vou aí aos aspectos filosóficos e antropológicos da questão, já para não falar aos económicos e geopolíticos. Pensei finalmente em deixar de fumar e vou alinhar nos cigarros electrónicos daqui a uns dias. Tenho imensas coisas para contar. Criei mais uma empresa, a Mota Consulting, que pretende abranger toda a minha actividade até hoje, criei já uma página e tenho já uma linha telefónica aberta para o efeito. Penso em abrir um escritório com uma amiga minha (embora não lhe tenha proposta tal ainda) onde possa desenvolver e centralizar todas as minhas actividades, mas por enquanto mantenho-me cá por casa. Melhorei o site da editora. Estou pronto para oficializar estas duas empresas e trazê-las à luz. Só assim poderão elas gerar dinheiro. Entretanto, reuni os meus escritos em quinze anos de actividade criadora e encadernei três grossos volumes distinguidos em dois volumes de “Escritos Literários e Científicos” e um volume designado “Teoria Social. Aspectos”, que irei guardar para solicitar o meu mestrado em Antropologia e o título de especialista junto de uma escola superior de educação. Entretanto, irei preparar o doutoramento a propósito de Grândola, caso seja colocado no concurso a que vou concorrer. E amanhã tenho uma entrevista para os Censos, que se vão realizar em Março e Abril. Mas para mim, a saída da crise era materialmente esta: sair da crise para mim representava o seguinte: arranjar um orientador e um co-orientador para a minha tese e começar a escrevê-la, mais, acabar de escrevê-la e apresentá-la, discuti-la, pois tinha assegurado o meu grau de mestrado, dado ter produzido enormemente enquanto antropólogo ao longo

destes últimos anos. Portanto, teria de me debruçar sobre um campo que seria a terra de meu pai ou escolher um campo literalmente novo para objecto de estudo, que bem poderia ser Grândola, caso fosse admitido ao concurso, ou podia ser mesmo as freguesias de Portela, Sacavém e Moscavide a propósito dos Censos que iria realizar, pois faria este trabalho de campo intensivo de dois meses ainda por cima pago, o que seria factor de não somenos importância. Portanto, a situação afigurava-se-me bastante interessante e oportuna para eu sair da crise. Estaria em forma? Faria uma tese demasiadamente teórica? Não, estava numa fase assumidamente pragmática na minha vida, pela primeira vez na minha vida a teoria confrontava-se com a dureza da praxis e chocavam uma com a outra com impacto, dependia de mim fazer com que jogassem em harmonia. Via-me um pouco na situação de fiel da balança do bloco central da situação política do país, oscilando entre o PS e o PSD, com cujas sensibilidades eu agora simpatizava, procurando ver o que era melhor para o futuro do “andamento” do país, não só para a sua economia no curto prazo mas também a médio e longo prazo para os seus diversos sectores que favorecem o seu desenvolvimento sustentado. Deixo crescer a barba, o governo ameaça cair com uma moção de censura, retomo um certo gosto pela escrita, mas continuo desempregado. Posso preocupar-me muito ou nada. Ou preocupar-me relativamente. Posso armar-me em parvo como diz a canção mas acho que não vale de nada. Este desalento tem a ver com a falta de afinidades neste mundo, ao mesmo tempo que procuro segurar as mesmas do passado. Estranho, sinto-me relativamente flexível e tentado a deixar de dar importância ao passar do tempo e aos chavões dos outros, aos nomes que os outros chamam às coisas. Comecei um blogue em “tumblr.com” ao mesmo tempo que abandono este ensaio. Já não há pachorra para a crise.

Segunda Parte

Depois do F.I.M.

Quando eu julgava que a crise, política económica e social, era uma simples crise que se resumia a um panfleto, tive de levar a cabo uma empresa maior, senão uma tese, pelo menos um livro, algo que me entretivesse um tempo e que me levasse ao ponto de fazer um pouco de terapia à minha mesma pessoa ao ponto de tornar útil este meu exercício ao mesmo tempo que profissional sendo útil para o comum dos cidadãos. Naquele ano tinha-me afastado definitivamente da academia e estava virado para a realidade quotidiana do meu país na busca de resposta

também para o exercício de uma vocação de cidadania de que orgulhava exercer e que crescentemente ocupava os meus dias e justificadamente ocupava os meus interesses particulares na minha busca de bem estar pessoal. Eu era um ser totalmente idealista, no sentido em que estava mais do que nunca preche de ideias para transformar a sociedade quando lá fora andavam todos desnorteados aos encontrões uns contra os outros em justificativas. Naqueles tempos todos buscavam causas, buscavam ser importantes para o grupo, toda a gente queria ser importante para o resto de toda a gente, não havia quem se sentasse num canto a pensar, quieto, e construísse alguma coisa como uma utopia. A última coisa que me interessava neste novo livro que andava a escrever seria sair de um bloqueio de há vários anos, sair de um sentimento de tristeza que a relação com um amigo de infância com estreiteza de vistas e provinciano demais para se lhe confiar alguma amizade. Este indivíduo, vistas as coisas daqui, analisou o meu comportamento desde pequeno, ora porque eu era mais bonito e atraia as miúdas, ora porque era melhora a jogar à bola, analisou, analisou e apoiou-se em mim para subir e pior eu fui-lhe dando confiança ele cresceu como um parasita às minha costas, apoiado em mim e na minha própria imagem, sugando-me o sangue, arriscando nada ou pouco, vivendo na minha sombra, quando eu arriscava tudo ele nada arriscava e ia colhendo os olhos e singrando na vida, enfim, até agora, até ao momento em que me apercebi do que ele fez, de que ele não era superiormente mais inteligente a mim, mas era tão simplesmente um oportunista. É claro que podemos ver isto tudo como um todo, que tudo isto é relacional, tan tan tal e qual. Mas o que me interessa agora é que em relação a esse indivíduo e estou ganhando porque estou me afastando e quanto mais me afastar mais ganho. Mas por causa dele tive de ir para o seminário, por causa desses amigos de infância fiquei desabilitado de viver uma adolescência normal, de ter um trabalho normal e ainda hoje sofro de problemas de falta de

autoconfiança por causa disso. Isso nota-se no dia-a-dia aki em Lisboa. É uma odisseia para mim sair à rua e pedir emprego, trabalhar, contactar com as pessoas. O que para a maioria das pessoas pode parecer normal, banal, repetitivo e por vezes até dispensável e repetitivo, para mim é indispensável e não sei como lidar como isso. Mas há quem esteja pior. O meu amigo Tancredo diz que a sua vida é “miserável”, quer-me ter como seu amigo “só para conversar”. Eu telefono-lhe de quando em vez.

Lisboa não será a cidade ideal para morar, mas será a idade ideal para se sofrer de amor e namorar, para sofrer a falta e a perda de um amor. Lisboa começa a ser para mim a cidade ideal para se escrever, porque é cada vez mais a cidade do desencanto, a cidade, porque não dizê-lo, dos encontros frustrados, dos desencontros, dos desejos que vão morrer nas águas do Tejo. Tenho alimentado ao longo dos anos um forte mas intermitente desejo de falar abertamente na esfera pública acerca da cidade que me envolve, do país que me sustenta o corpo e me impregna a alma mas hesito pois propositada é minha mania de ser português. Talvez o seja mais forçosamente do que os outros por beber cerveja, Sagres ou Super Bock, discute-se, e fumar SGVentil, pois talvez se tivesse nascido por cá não fosse assim tão vincadamente português. Contudo, explico-me, espero que o leitor descubra nestas páginas uma forma particular de o ser. Sou filho de emigrantes em França, logo não sou alguém muito comum na cidade de Lisboa. Tenho familiares por cá, uma prima com o mesmo percurso, a Odete, que se mantém em contacto comigo e cujo pai faleceu recentemente, o tio Russo, a quem presto homenagem com este livro. Mas também a todos os portugueses que, imersos na crise, tentam, no território nacional ou fora dele, lutar por um país melhor.

A história começa em 1989. Em criança tinha já o desejo de ser antropólogo. No ensino secundário, depois de uma experiência religiosa entre os 15 e os 18 anos, resolvi aconselhar-me junto do meu professor de história do 11º ano, que me indicou um antropólogo que residia no concelho, com quem fui falar. Como não havia antropologia em Coimbra, escolhi Lisboa e uma faculdade em particular, o ISCTE? Porque era a vanguarda na altura, em 1989. Portanto, por nenhuma razão em especial,

apenas queria estudar antropologia. No início fui um aluno brilhante e continuei a sê-lo. Alguns professores apostaram em mim, mas sentia-me muito sozinho com o peso da humanidade em cima dos ombros. A humanidade de que todos eles, respeitáveis e eminentes professores, estudavam como outrora outros estudaram a divindade. Só eu veria com o tempo o quanto a distância que eles cultivavam para com os alunos era nociva para mim. Nas aulas cultivava-se uma espécie de temor, de medo cerimonial e adoração para com os professores. Para mim era o pesadelo. Depois de abandonar a religião e ter sido maltratado psicologicamente estava a passar por nova prova de género. Era demais para um jovem na flor da idade. Com todos aqueles olhares e toda aquela visibilidade acabaram por estragar a minha vida. Etiquetavam-me de celibatário, classificavam o meu comportamento. Até aí tudo bem. Mas a partir de certa altura apercebi-me de como era o modo de vida do ISCTE em particular e da área urbana de Lisboa em geral. Os alunos agrupavam-se por simpatias de acordo com os seus professores preferidos. Desde o primeiro ano que eu percebi que a humildade era a última das qualidades que estes académicos queriam ver inscrita no seu rol de interesses científicos. É claro que havia excepções, de que me guardo o direito de citar, bem como guardo o dever de citar outros nomes. Podem dizer agora: não teve êxito, está a gora a tentar explicar-se. Mas não, eu tive êxito, tive tanto êxito que corri sozinho todo este tempo esta maratona enquanto outros se propuseram correr de carro, de formula 1, de braço dado, por todos os meios à mão por mais ilegítimos que fossem. Eu corri sozinho. Cada vez que falavam com um professor, parecia que estava a ver de novo cada um dos padres à minha frente, tudo se estava a repetir. Tudo isto ecoou na minha cabeça até à bem pouco tempo, altura em que fui admitido ao doutoramento, que frequentei e suspendi por não ter meios mas sobretudo por não ter visto pela para dos professores e colegas e alunos um verdadeiro interesse pelo meu projecto

antropológico, castigado que fui pela falta de ética dos professores. O ambiente do ISCTE, estava a dizer, era curiosamente antropológico, alienígena: os alunos de gestão falavam a toda a hora e desconcentravam todos os outros, com idas e saídas abruptas dos bares das casas de banho e da biblioteca. Os alunos de sociologia estavam no meio termo e ajudavam a mediar o ambiente, mas eu sentia-me verdadeiramente envergonhado por ser um aluno trabalhador e não demasiadamente expansivo no meio de um ambiente de tremenda falta de responsabilidade e desonestidade intelectual. Anos mais tarde, em 2011, encontro-me a frequentar o doutoramento, inscrito mas não matriculado, por falta de meios económicos em plena crise com o FMI instalado no país. Surge uma oportunidade por parte de dois professores para concorrer a uma bolsa num projecto académico. Estou cansado, preferia dedicar-me à literatura, mas gosto demasiado de antropologia para a deixar. E que irei fazer da filosofia? Mais uma vez, encontro-me numa encruzilhada, preciso de um projecto que reúna todas estas matérias, para que não me disperse mais uma vez em vários projectos, dispersando minhas energias, como sempre aconteceu. As relações sociais estão actualmente, num ponto de interesse verdadeiramente espectacular, há tantos fenómenos (sociais) de interesse para observar, pudesse eu ter tempo, energia e dinheiro para me dedicar a eles!.. A história lamentavelmente pode explicar-se de uma forma sucinta recorrendo ao passado: isolar-me-ia numa lugar ermo ou num vale abrupto, como já fizeram em tempos comigo e sairia da sociedade para melhor a criticar distanciadamente, assim sendo, falo dela por dentro, não me abstendo de ser o produto dela mesmo. E embora fale verdade, parece-me que sou estrangeiro e parece que em terra cosmopolita a sinceridade, a persistência e a honestidade não vencem. Ora o que mais me causa estranheza é que o que procuramos no nosso íntimo e no colectivo é a satisfação através da cena primitiva. Isso basta-nos para ficarmos saciados e termos como que

um sentimento de plenitude, satisfação, completude e sentimento da verdade, bem como que realização pessoal. Ando eu nestes termos de Lisboa, procurando um sentido para meus passos, aqui bem perto do Campo Pequeno, procurando inspiradamente desesperadamente uma forma de justiça para as minhas palavras, sem no entanto me escusar de caminhar ainda mais para a frente, cuidando que estou sem energias pelo caminho já percorrido. Sei que minha ética, minha moral seria bem usada em outras terras onde o cosmopolitismo não teria imperado e o sentido do colectivo teria sido mais forte. No entanto, porque insisto eu num caminho que me parece não dar mais frutos? Não haverá outros bem mais fáceis e mais rentáveis? Decerto que sim, motivar as pessoas à minha roda pelo esforço e enclausuramento parece ser algo fora de época, perfeitamente fora de época. Olho para aqueles que vingaram na literatura com prémios imensos pela sua obra inspirada e têm vida talvez merecidas porque o céu da inspiração é infinito e é bom acreditar nisso. Talvez seja defeito meu ser um eterno insatisfeito e ingénuo. Ontem acabei de perder 8 páginas desta narrativa, que continha rocambolescas aventuras domésticas, começo a sair de casa, a bem da saúde e gostaria de ir finalmente mais além. O modo como os outros me olham é proporcional ao modo como eu olho os outros, porque então me hei-de preocupar? Porque me hei-de preocupar com o que visto, com o facto de fumar, com a preocupação de ter um filho, de deixar descendentes, se outros não se preocupam ou se preocupam igualmente com isso? Porque hão ser consentâneas minhas preocupações com as dos outros? E em que sentido? Sem dúvida que aqui por baixo, tanto no meu corpo como neste território que se designa por Portugal continental, encontrei mais dúvidas que certezas, mas das certezas ainda não tenho notícia, porque continuo, como diz o meu médico, sem rede, a conselho dele, com o conselho de ir para o Porto trabalhar, onde renderia mais o meu trabalho, pois que venham antropólogos e sociólogos ver e explicar porque

é que o Benfica e o Sporting não ganham e porque mais outras coisas não acontecem em Lisboa e que tem isso a ver para o futuro do país. Há umas aulas de escrita criativa na Casa Fernando Pessoa. A Pessoa nasceu no mesmo ano que eu. Tal como Gonçalo M. Tavares e outros. Deixem-nos ir à frente, afinal a vida não é uma corrida, nem uma partida de xadrez, não é um jogo, estou vendo agora nesta situação difícil quanto sou preciso por cá, o quanto a solidariedade faz falta numa cidade como esta, sou tentado a capitalizá-la. Em certo sentido, faz todo o sentido que alguém seja premiado por ser o representante de alguém importante para a sociedade ou o grupo em determinado momento. Mas quem determina o que é importante para o grupo? O interesse económico. Neste sentido, há uma crise de valores, parece que os mais novos têm tudo na mão mas aguentam o poder, os mais velhos que eu não o querem transmitir. Os mais felizes são os que abdicam do poder. Os que têm poder são contudo, premiados com dinheiro. O dinheiro faz funcionar a sociedade. Assim, a sociedade funciona ilusoriamente com três gerações vi vãs, esquecem-se as outras, são poucas a gerações que têm consciência umas das outras. São premiados os supérfluos depois de o serem, os rigorosos antes de o serem, a ciência planeia, a literatura vive da inspiração, neste país estamos numa condição de *back to basics*, somos forçados a ter rela-acções sociais, antes não éramos evitávamos aquelas que não queríamos, agora meus amigos, para resolver a crise, somos obrigados a negociar com quem não queremos, porque simplesmente em outro tempo não fomos suficientemente antropológicos, não compreendemos o outros, não compreendemos o outros lado. Esquecemos a religião, esquecemos a antropologia e as ciências sociais, agora temos novamente de lhes dar valor. Tudo passa por elas, pelas redes, pelas relações. Pode não importar, se não quisermos planear, se quisermos deixar andar as coisas ao acaso, como se não houvesse uma inteligência ordenadora. Mas se acreditarmos que há e que

esse ideia nos pode ajudar nos tempos difíceis, teremos de planear de modo a reduzir o impacto dos choques económicos em tempos difíceis como este. Podemos andar de cabeça levantada e pensar que a resposta está no ar, por cima de nós em grande cargos, mas talvez a resposta esteja perto de nós, sempre tenha estado e a tenhamos deixado fugir e que finalmente, por via da nossa burrice, tenhamos de mudar de ideias. Dei mais umas voltas pela cidade naquele dia. Andei um pouco entusiasmado com a hipótese de poder finalmente começar o meu doutoramento, mas um feixe de interferências atravessou-se-me no caminho do pensamento novamente naquele dia, por entre as pessoas que comigo se cruzavam na rua, nos transportes, nos passeios. Andei pela Praça da Figueira e levantei mais uma vez a cabeça na Rua Augusta onde me cruzei com um Dom Quixote que se maquilhava. Tudo cenas de uma Lisboa que estou prestes a abandonar, pressinto. No entanto tenho cá casa e vou ficando e fazendo finca-pé disso. Entretanto, procuro um poiso, talvez uma biblioteca, onde possa vir a estar as manhãs a escrever, Hoje estive nas Galveias. Gostaria de convencer os professores do ISCTE, mas talvez não valha a pena o trabalho, desgasto-me para nada, é melhor um trabalho separado, feito de inteligência e observação. Para mim é cómoda a posição de acreditar neste momento da minha vida. De passagem, no Martim Moniz, um transeunte me chama “padre”. Talvez encaixe nesse estereótipo. Talvez perca por isso, talvez ganhe. Não vou deitar contas a isso. Prefiro pensar nisso como uma plataforma para pensar em coisas superiores como o livre arbítrio e outras coisas. Um pouco de filosofia. Talvez devesse, se tivesse balanço para isso e orientador e dinheiro, arriscar-me mesmo na filosofia, em vez de ficar pela subserviente antropologia, que corre atrás de quem tem dinheiro, como todas as artes. Não há arte verdadeiramente autónoma. Ou haverá? Decerto que sim, é bom pensar nisso, Kant falava no pensamento autónomo. Começa a perceber certas coisas cá em Lisboa. O cosmopolitismo, a igualdade de

oportunidades tem de facto a ver com o facto de eu ser branco português, talvez esteja em pé de igualdade para com os outros e fique para trás. No norte não aconteceria, nem teria de me esforçar tanto e se me esforçasse mais teria mais resultados, e se o meu esforço fosse mais racional e direccionado, sistematizado, como disse um dia um professor, teria melhores resultados ainda. Contudo ainda assim, sozinho, nesta cruzada, vou chagando a algum lado, nestes tempos eficientes, invadidos por ferozes concorrentes indianos, brasileiros e chineses, para não falar dos americanos de sempre. Acho que a bem dizer meus professores se deveriam envergonhar por eu não ter sido bem sucedido, não eu, que escolhi diversas áreas de aplicação. Não, não vou procurar justificações para a minha falta de sucesso. Nem vou mais justificar-me com uma doença, ou talvez seja melhor mostrar-me doentinho, fazer um choradinho e pode ser que não morra à fome. Pode ser que depois de todo este tempo os meus professores e colegas se interroguem no sentido de tentar saber o que eu quero com tanta insistência. E os lisboetas. Afinal talvez queira apenas o que toda a gente quer. Viver uma vida normal. Um emprego. Uma família. Poder amar. A oportunidade de usar os meus dons racionais. Talvez não queira conquistar nenhum império nem ser presidente de coisa nenhuma, nem um doutoramento nem honras nem prémios. Apenas uma paz que me permita ser produtivo. Mas talvez em tudo isto não interesse uma mensagem singela nesta sociedade. Talvez em barulho precisem de mais barulho, onde há violência querem mais violência, onde é que isto vai para, disse alguém à saída do metro? Talvez eu um dia tenha dito mal dos meus próprios pais, injustamente, talvez tenha de rever o que disse, talvez não vá a tempo de nada porque de início tenha entregue a vitória a Deus e depois aos Homens e não seu de que lado agora estou. Contudo, vou apodrecer num canto um dia, e cheirar mal, alguém há-de passar por cima de mim e dizer uma palavra acerca de meu corpo sem alma. Nesse instante poderei ver a alma

ou não, só sei que com toda esta tramaguelmiçe vejo a minha vida na mesma. Desejando estar numa lugar de inspiração frontal àquele em que estou realmente, escrevo estas palavras, pensando no discurso que se tem tido sobre a crise ou sobre a portugalidade. Talvez se amássemos mais Portugal não lhe desejassemos tão mal, talvez queiramos apenas mal a certos estilos de vida danosos que impedem que simplesmente uma vida, que em nós poderia ser mais saudável se multiplique. Até esta idade, por via das circunstâncias, não sabemos o que é uma boa obra, uma obra perfeita, nem sequer a felicidade, tão pouco estamos chegando perto. Muito falta para quem se habituou a muito e muito esbanjou. Talvez queiramos que a generalidade das coisas funcione melhor para todos e simplesmente não o consigamos conceber, talvez precisemos de nos afastar daqui para que um jardim floresça onde fazem construir pontes, estruturas metálicas e edifícios de cimento. O fardo da inspiração é algo que deve ser suportado com responsabilidade e é algo que não está ao alcance de todos, como se sabe. Com um pouco de trabalho pode-se à revelia dos poderes instituídos, construir uma obra que sustente toda uma vida e a justifique plenamente, por mais sacrifícios e penas que tenha tido. Toda a minha vida procurei indícios para poder actuar e fui reticente face à natureza. Quando aconteciam acidentes, tendia a vê-los como inevitáveis, acidentes isolados da evolução ou sobrevivência ou grandes acidentes geológicos, mas quando aconteciam comigo, tendia a preservar a vida, porque a mim já dizia respeito. Ora é chegada a hora de ser realista e admitir que o que é bom e mau toca a todos. Mas que posso eu afinal dizer se percebo de tudo um pouco e não aprofundo nenhuma matéria em particular. Quando vivemos sós e crescemos sós, estamos habituados a saltar de representação em representação no quotidiano e este nos parece por vezes bastante nocivo e intimidativo (ou será ilusão, será apenas a nossa consciência?). Dependemos de um neurónio, de uma pequena coisa, ou serão muitos

neurónios para pôr a coisa a funcionar de novo. Nega-se a identidade e o espírito colectivo, ao mesmo tempo que se reafirma. Mas na confusão de cidade não apreciamos estes tópicos, só quando nos recolhemos ao silêncio e calma da periferia ou a certas hortas ou à província é que reconhecemos o valor das coisas naturais. O resultado da minha escrita poderia ter sido alguma competência à custa de sacrifícios pessoais, creio o entanto que os continuo a fazer, até porque nada de importante tenho para dizer, se tivesse não escrevia. Roger Scruton refere que a família tradicional do século XIX pouco tem a ver com a família tradicional do século XXI, reduzida a um casal com um ou dois filhos barricada na solidão de um apartamento num prédio onde ninguém conhece os vizinhos. Seria isto que teria a desenvolver. E ainda a teoria se alguém como eu, ou seja Eu, sou suposto de provar a teoria de criar família em Lisboa. Vale a pena tentar? Vale a pena reflectir? Ou fugir para longe na primeira oportunidade? Ora toma lá uma crise. Agora vamos ver quem se aguenta. Habitado a dificuldades estou também eu, não gostaria que as coisas piorassem, mas para o meu lado poderiam melhorar, pois nos momentos de crise e dificuldade reajo com mais força e resistência. Enfim. Vem outro dia, começo com ansiedade, abençoados africanos que inventaram o café, é por eles que todos trabalhamos afinal, em último recurso. Procuo nestes dias desfilar o novelo de coisas que me apoquentam, a trama de coisas que tenho cá dentro e que me enfiaram, desconfio que me obrigaram a fazer sexo sozinho para me iludir por estas terras. É só uma suspeita que põe em causa a ideia de cosmopolitismo. Não devia estar com estas teorias a esta altura do campeonato, mas tenho plena consciência que qualquer tiro meu, a ser desferido é tão certo que mal usado pode ser mortal, ao invés os outros fartam-se de disparar e lá calha acertarem uma de quando em vez. Este é um pouco o meu argumento. Seja como for, este teor argumentativo do meu discurso tem a ver com a escola em que entrei, deficitária de ética.

Devia ter permanecido na escola religiosa, talvez tivesse mais finura de argumentos em torno da ideia da relação entre Homem e a Divindade. Pode-se dizer que andei de cavalo para burro, ao ter preterido a academia religiosa à academia secular em termos da exposição de argumentos e da capacidade argumentativa. Como conciliar a filosofia com a antropologia, aparentemente duas ciências tão opostas? Como conciliar racionalidade com irracionalidade? Como tornar racional um discurso irracional? O que vem do coração não se explica, mas há muita coisa que não se explica somente com o recurso a dispositivos mentais. O que mais tenho aprendido nas minhas deambulações por escolas de pensamento, livros, universidades portuguesas, professores, alunos e formas de pensamento, talvez ficando sempre á quem no diálogo com as pessoas, é que o coração trabalha articulado com a razão e há uma forma especial de selecção natural que não é injusta, que a tradição católica, no dizer de Raul Iturra, um dos introdutores da antropologia social em Portugal, tende a ver como injusta, mas que pode ser interpretada de outra forma, ou seja, a teoria evolucionista pode funcionar como forma de catapultar os indivíduos para lugares e até esconderijos (para aqueles que precisam de retemperar forças ou se alimentarem) onde suas energias físicas psíquicas criativas possam ser rendibilizadas tudo vendo isto em termos de economia da criação em arte (literária, plástica, cinematográfica), onde podemos equacionar uma relação entre desperdício e poupança na elaboração de uma teoria simples mas não simplista da economia das trocas (simbólicas) reais. Entre complexidade e simplicidade na elaboração se joga a relação dos interlocutores de uma cena como que primordial que se repete em combinações cuja receita e dilema moral é quase sempre a mesma e cuja chave está ao alcance do homem residindo nisso todo o enigma da criação tanto no que diz respeito à repetição do acto criativo artístico que simula os instantes de criação cosmogónica, como ao provável destino da espécie que

pensa que pensa e das que a rodeiam sendo provavelmente o excesso de, nos termos filosóficos, *tekné*, um indício do futuro, mudança de paradigma civilizacional, que se antevê em certos níveis sociais artísticos bem como em certos indivíduos mais dotados para certas áreas específicas e propensos a olhar em frente, a pensar além, no que diz respeito à inspiradora aventura do homem como ser que se destaca da natureza, cria a cultura, no sentido levistraussiano, e se auto-revela na reiteração do pólen de luminosidade inspiracional que cada individuo tem em si. Assim, encontro-me numa clareira, como o homem que sai da sua aldeia e vai à procurar de descobrir novos domínios, não com o intuito de conquistar, porque nem sempre conhecer é conquistar territorialmente (eis um problema filosófico), mas deparo-me com o Outro e como identidade e diferenças e mesmo que descubra que esse mundo do além que para mim era o da divindade seja ritualisticamente difícil de alcançar, penas semelhanças e diferenças terá valido a pena a aventura de o assim conhecer. Porque razão é que entendemos a situação económica do país em termos de crise se podemos graficamente inverter o sentido das coisas. Vou exemplificar. Tanta gente ocupada da mesma forma com a crise, é talvez necessário uma abordagem diferente a este acontecimento, talvez mais distanciada, e se o facto de olharmos distanciadamente quer dizer que não sofremos as consequências dela. A solução gráfica que pretendo dar é que enterremos a crise como quem enterra um morto. Se temos uma montanha diante de nós, tenhamos a força pra inverter essa montanha para debaixo do solo tornando-a num iceberg. Quando eu preocupado com isto tudo quando se os professores tivessem tido a dignidade de me considerar já há tanto tempo não tinha perdido tanto tempo, mas tudo bem, sem ressentimentos. Em todo o caso, seria importante, considerar o tempo que andei noutros lugares da minha inteligência à procura de soluções enquanto outros andaram formando grupos ou agremiações mais ou menos desorganizadas ou organizadas ou

quaisquer que elas sejam, enfim. O grande problema é que andamos à procura de uma solução de harmonia numa cidade onde não há soluções desse tipo, há muito tempo deixou de haver, a lógica já não a sentimos na pele, está desorganizada, agora o que impera é a lógica individual. Enfim, quando tiver uma oportunidade, talvez me vingue de tudo isto como todos, mas não, não sou como os outros, aguento, aguento, não consigo dizer mal, suporto, aguento, não sei se como pessoas como eu será benéfico assim por aki ficar, pessoas como eu. Que hei-de dizer, sou um pobre poeta do falecimento de mim próprio na cidade, às vezes forte às vezes fraco, sempre em movimento mesmo que no pântano, trazendo comigo à tiracolo as recordações de um europeu como Stefan Zweig, mesmo que não compreenda a tendência e tradição germanizante da filosofia, mesmo que queira encher de filosofia a antropologia e de antropologia (dos povos) a filosofia, para que ambas se enriqueçam para que outros as possam estudar e como eu ou de outra forma possam entender os prazeres da mente dilecta em sorrir perante o inolvidável segredo da surpresa da descoberta do Outro, do outro para além de nós, do outro em nós mesmos ao redor de nós. Mesmo que o corpo se esventre, a alma se esventre, apercebo-me que num território restrito, já disse mais que tudo e me estou a repetir constantemente e que essa repetição gera abusos por parte dos outros. Tudo isto que escrevo, sinto, é um reflexo desta minha estada nesta Lisboa atribulada e é apenas o começo, pois vai ficar mais atribulada ainda quando começar a trabalhar. Aí então é que começa o trabalho de campo. Passa outro dia, não estou preparado para dilemas de teses argumentativas comigo, embora traga um livro de Bruno Latour, a conselho do Daniel, preciso de comprar uns atacadores, enfim esta crise faz-nos todos iguais, iguais não perante a lei mas perante uns aos outros, ainda não iguais perante Deus, já não iguais perante Deus quero dizer, mas iguais perante uns e outros, relativamente uns aos outros, julgo que em todo esta

distanciamento da minha família, em todo este isolamento no meio de tanta gente qualquer coisa de dramático pode acontecer, mas preparo-me para mais uma das minhas performances de escrita em público, simples, um homem a teclas, umas vezes com uma roupa outras com outra, olhando em redor, bebendo um pouco de água, retirando-se de perto da máquina, estando atento ao que lhe dão os ouvidos e os olhos. Há dois dias que não vejo praticamente televisão, estou demasiado focado em mim e ao mesmo tempo nos outros, parece estranho, podia ser diferente, poderia estar em contacto com os meus amigos e poderia estar mais ligado a quem me liga, podia estar alienado e sentir a ligação com os outros que me estão próximos, assim desta maneira sinto um género de ligação geral, de generalidade que me mantém vivo mas ao mesmo tempo fraco, sentindo que a minha existência tem um significado geral importante mas não dá relevância ao meu círculo restrito como seja a família no sentido de a melhorar socialmente em termos de estratificação social. Estou por cá e apoquento-me pensando no silêncio do meu pai e na amizade morredouro com o Daniel, naquela pequena aldeia que queria ver de muito longe talvez para não esquecer mas para compreender melhor sem ter de recorrer a uma segunda vida para ter um outro ponto de vista. Ainda assim, percorro as ruas perto do Saldanha como um culpado por não ter emprego e tento ser o luto de F.Pessoa anos depois quando outros fizeram muito melhor eu sou uma triste sombra de um monge devasso do século XXI, pós-moderno talvez. C.S. Lewis e Artaud não diriam melhor sobre a minha própria personalidade, enfim parece-me que falta um pouco de receptividade e falta de abertura da minha parte para com outras sensibilidade, quando terá decerto sentido haver outras pessoas do mesmo grupo. Quando faço uma luta contra o grupo, mesmo que a beleza e a inteligência se usa, não vinga. Mas aqui ficam os registos ilustrativos. E que se eu não soube dizer da melhor maneira, surja alguém que saiba entender esta minha forma de

entender e ver as coisas e venha dizer de melhor maneira para bom entendimento e proveito dos contemporâneos. Sai de onde estava, dirijo-me ao Campo pequeno onde como alguma coisa, está deixando minha alma seca esta itinerância numa espaço tão diminuto, mas enfim, não me posso queixar, o orçamento não dá pra mais, deverei chegar a casa e terei algum tempo para formular alguma coisa melhor, entre os jovens o tempo passa, geram-se encontros e desencontros, destinos que se trocam em beijos palavras, é o assobio do tempo passando de raspão pelo nosso espírito e a sombra do que fui por aqui se arrasta, meu corpo cansado pelos mesmos espaços se arrasta, talvez fingindo qualquer coisa, dando a entender qualquer coisa, perdoando ou dando a perder qualquer coisa, jogos de poder que não compreendo à superfície mas que se encaixam em qualquer lugar fora daqui, porque aqui estará decerto alguma inspiração, depois de uma boa refeição é lógico que não sejamos racistas. O tempo passa num olhar, por detrás de umas letras, a barba apara-se, deveria mostrar estas coisas que escrevo a quaisquer estratos sociais a fim de serem selectivamente encaixadas segundo os estratos, afinal qualquer livro pode ser lido como a Bíblia, banalizado como a Bíblia já que esta foi banalizada pela sociedade de consumo. Hoje não me tornam importantes a palavras, procuro por aqui algum lugar inspirador onde escrever e não encontro nada de muito novo, corro algum risco de ser exposto, mas mesmo assim exponho-me à inspiração que recebo e que me faz bem, afinal as pessoas ajudam-me mais do que penso, mais do que consigo acreditar, basta ter bom ouvido e usar óculos, pois estes são um dado cultural, algo que se acrescentou à natureza e agora entendo porque é tão difícil aos mais novos entender o trabalho ou de alguém parecido comigo, pois trata não do que é dado, mas do que é adquirido, do que é recebido com o tempo, a cultura. Tendo lutado contra o cansaço e a indolência todo o santo dia, Prestes aproximava-se de uma conclusão mais que provável no seu espírito: a

esperança de ficar por aqui quando a literatura nem a inspiração moravam ali e sabendo que estas eram nómadas, seria difícil a sua aventura para singrar na cidade chegar a ter algum desígnio maior, no sentido de ser apreciada por um público mais vasto. Continuava fazendo seus passos nas ruas molhadas da capital de um país em crise, tentando voltar a um ritmo mais acelerado quando era já difícil à Europa aguentar-se sozinha, havia extrema mobilidade entre gerações, extrema mobilidade entre cidadãos nas regiões comunitárias e contudo, a europa ia ficando seca e pobre, sem recursos para se aguentar a si própria. Excesso de racionalidade? Excesso de exploração do solo? Dos recursos, nomeadamente, os recursos humanos? As pessoas estavam esgotadas, cansadas, e as gerações mais novas –eu conto o meu ponto de vista, por enquanto- viviam, umas preocupadas outras mais despreocupadas em relação ao seu lugar para viver. Por mais que um indivíduo fizesse, sempre se apercebia que estava em areias movediças, porque às pessoas não lhes bastava ser santo, seria preciso parece-lo, e tal não era de todo necessário nem útil ao bom funcionamento da sociedade, pelo que se podia dispensar todos aqueles que tinham uma pretensa crítica a fazer. A lógica de tudo isto? Em cidades muito maiores não se explica, muito menos aqui. Mas explicam-se outras coisas, explicam-se as coisas de outro modo. Fica-se por aqui hoje, por questões éticas, de que não vale a pena insistir. Prestes sabia que seu destino estava algures fora daquela cidade, que um dia amara, mas que simplesmente estava, ele ou ela, gastos um para o outro, não havia que culpabilizar nenhum dos amantes numa relação quando ela se esgota. Deixo por dizer as coisas do amor que não compreendo realmente nada bem àqueles que o experimentam e cantam e não o experimentando, o entendem e cantam. Prometi a Lily que não escreveria sobre ela, longe de mim querer usar a vida dela para meu proveito como autor, mas o que acontece é que acabei de estar com os pais e a mãe dela no metro, eles

pensam que eu saí em Roma. As coisas são mais sérias do que aparentam, talvez não adianta estar a escrever para aqui só e ninguém vir a ler isto. Afinal, é apenas a minha versão de uma longa história, a crise de 2008-2013, passada em Lisboa. Evito uma manifestação do 1º de Maio. Fecho o computador, saio à pressa do local onde estou, tenho vontade de telefonar a Lily, mas não quero reatar a relação, talvez telefone mais tarde, ou amanhã. Acho que sou um tremendo egoísta. Odeio esta sociedade que me faz andar de um lado para o outro sem conseguir há anos emprego sequer para me conseguir alimentar autonomamente e a um bichano pelo menos, já não digo mais e pagar as contas da casa, já não falo em ter carro, em pagar estudos, em juntar dinheiro para diversos fins legítimos. Mas vida mais difícil tem minha irmã. Assistente social, com um filho a criar, está passando por tremendos problemas e eu aqui, sozinho e impotente para poder ajudar. Nestas alturas a revolta sobrevém e dá vontade de cuspir sobre o solo que pisamos, sobre o solo que outros pisam e se calhar não merecem pisar (base territorial, podem dizer o que quiserem). Fumo mais um cigarro. Perco as forças ali na fonte, onde elas são mais precisas, para gáudio dos meus inimigos. Devia estar lá fora, no campo de batalha, lutando, com a bandeira na mão, levando-a bem para a frente, o mais que pudesse. Chego a casa. Mimy recebe-me com um miau. Tem andado ansiosa, como tem sido ansioso o meu estado de espírito. Vou descansar um pouco. Minha cabeça está cansada e confusa. Tento fazer algum sentido em toda esta solidão provocada, entrecortada pelo interesse na minha irmã. Apenas preciso do seu dinheiro para sobreviver, fora disso sou um estranho. Penso também na maldita aldeia que não me sai da cabeça. Cada vez mais coisas se vão tornando claras no meu espírito, coisas que vou entendendo por mim próprio, não que tenha conversado com ninguém acerca disso, suspeitas e conspirações. Sinto-me na pele do meu amigo Prestes, que não é bem vindo na família não se sabe exactamente por que

razão. Só que comigo funciona ao contrário. Eu sinto que não sou bem vindo aqui em Lisboa. Se me adapta, se me camufla, tudo bem, mas se for eu próprio, não sou bem vindo. Não sei como hei-de transmitir este sentimento de revolta que me traz acabrunhado e tenso nos lugares onde vou: por um lado, uma necessidade de afirmação; por outro, uma tensão grande, mas não ao ponto de me derrubar, pois na verdade sei que este não é verdadeiramente o meu território e que nada tenho a provar aqui. Há um conflito entre o escrever e enfrentar as situações, entre o assumir uma vida prática, e uma postura passiva de observação e esses planos estão nos dias de hoje plenamente demarcados, nota-se perfeitamente. Hoje, cada vez mais, a cidade em que vivo não precisa de teorias, nem precisa de palavras, as pessoas não querem ser ajudadas, querem o fim dos seus problemas, as pessoas querem simplesmente morrer, porque já sofreram muito e têm medo de voltar a sofrer o mesmo ou pior ainda. Há como que uma ausência de Deus, uma falta de sentido, uma ausência de esperança, um exercício fútil e desnecessário da autoridade que se nota na relação com os mais novos. Entro no metro e olho para o lado, vejo o casal de namorados e enquanto espero pelo comboio que agora passa ela diz ao ouvido do namorado “este aqui tá aqui e a mãe morreu” referindo-se a mim. Agora, será verdade? Vou telefonar para casa? Vou amanhã para casa? E os planos para ficar aqui e constituir família e arranjar trabalho? Quero paz. Não quero o que toda esta gente tem. Que faço aqui? Entretanto, cansado, vou deitar-me mais um pouco. Os vizinhos do quarto contíguo preparam-se para mais uma sessão. Não há descanso em lado nenhum. Lembrei-me de ir deixar um bilhete à porta, mas podia acusar-se de dor de cotovelo. Na verdade até tinham razão. Tenho saudades da Lily, fomos nós que começámos com tudo isto, aqui deste lado da parede. Seja como for, estou sem energia para pensar no que seja. Cada vez fumo mais, vêm-me ideias em catadupa, a gata não pára de miar, tou em sofrimento. Estou deitado de

novo. A visão de agora é pior. Penso na situação lá em casa. Entretanto sei que os jovens do lado de lá fazem sexo entrementes e abafam os suspiros e as vozes, sabendo que eu estou do lado de cá, pois ouvem o ranger da minha cama quando me sento e levanto. Debalde, toda a minha escrita é em vão. Eles sabem o que vivo, o que penso. Toda a Lisboa sabe o que vivo, o que sou, o que penso, não é novidade o que escrevo, para quê escrever? Todo este tempo aqui sempre souberam, melhor que o próprio deus, a minha vida, por fora e por dentro, não teria sido necessário contá-la, eis a inutilidade da minha escrita, eis o autor reduzido à insignificância da sua obra pelos personagens dela. Mas ainda há uma saída. O autor tem o poder último de alterar o rumo dos acontecimentos pelo poder da escrita, a sua mente é como que um magma, um filtro, um campo de forças que tudo concentra e gera energia boa ou má para com os seus contemporâneos, ele pode alterar a vida, para bem e para mal, dos seus personagens, desde que estes se revejam naquilo que escreve. Observação: acho que devia levar esta profissão menos a sério.

Um dia depois, estou perto da minha família nuclear de novo, respirando um pouco de inspiração junto do Joel, que se entretém fazendo uma casa para o gato Ruca com os recursos de brinquedos que tem por cá. Sinto, de tempos a tempos, um forte desejo de ir trabalhar para Timor, ou para o Brasil, mas não sei se irei corresponder, se terei energia, se seria melhor ficar por cá. Ao mesmo tempo, penso na Lily, sozinha, com o seu problema, que podia estar comigo se eu fosse mais calmo e carinhoso, se eu fosse diferente. Resolvi a ligar-lhe. Atendeu-me, como sempre. Acho que deixei passar demasiado tempo. Para além do mais, agora tenho uma gata lá em casa. A Lily não gosta de gatos, não sei bem o que fazer. Ao mesmo tempo, estou aqui em Riachos por mais umas horas, até que venha minha irmã, põe-se a questão de ir ou não ao casamento de uma prima afastada e fazer disso um case-study. A minha vontade é não ir, não tenho aquele

sentimento de posso em termos de família que tinha antes e creio que outros primos meus, a Odete, a Lenita, o Manel, não terão também. Todavia, sinto saudades destes primos, e apercebo-me que alguma coisa se está a perder e que só a minha escrita poderá de alguma maneira, pela minha parte, guardar do esquecimento. Estes instantes que por cá ficam solidificados e que poderei oferecer-lhes um dia de um tempo que não viverem, de um Portugal ora atormentado que está chamando também por eles, que agora precisa de todos. De repente podemos descobrir que estamos sozinhos no mundo, uma espécie de secura se apossa de nossa alma, uma espécie de doença que se apodera das terras de que provém o seu alimento.

Há dois factos na vida social portuguesa, na vida pública portuguesa, melhor, três, dois deles recentes, um deles mais recuado, de que gostaria de falar um pouco e de tomei, indirectamente parte e em que desempenhei um papel de alavanca. O primeiro. Paulo Pedroso não foi propriamente meu colega de turma, mas andaria um ou dois anos à minha frente na mesma faculdade, embora de curso diferente, assim como outros. Acontece ainda hoje insistentemente me confundirem na rua e em locais públicos com a figura de Paulo Pedroso o que tem sem dúvida a ver com a pedofilia e a Casa Pia. Cabe aqui esclarecer que eu fui não vítima de abusos da Casa Pia, apenas andei no mesmo tempo na faculdade com Paulo Pedroso. Agora, o que é certo é que fui vítima dos tão propalados abusos mas por parte da Igreja Católica nos anos oitenta, mas isso é já outra história. Não me envergonho de o assumir e tal não afecta a minha fé, que não se confunde com a pessoa que encontrei pelo caminho, só que como muitas coisas, neste país, permanecem muito tempo abafadas, talvez por isso a justiça esteja como está. Seja como for, a minha família particularmente a minha irmã, resolveu o caso sem recorrer à justiça, porque sou daquelas “antiquadas” pessoas que acreditam que o mundo funcionaria melhor sem

advogados mas que reconhecem que como há pessoas verdadeiramente mal intencionadas só a lei e um representante da lei e da força para mediar conflitos é que resolvem os problemas. Contudo, numa questão como estas, nunca um caso está resolvido e penso para mim próprio como será nas noites de aflição, não comigo mas com os jovens que na Casa Pia e noutros lugares do mundo sofreram coisas bem piores. Adiante.

O segundo assunto diz respeito a uma fase da minha vida em que andava bastante indeciso relativamente à minha sexualidade. Embora nunca tenha fantasiado com homens, conversa de psicanalista sobre homens nunca tive, pelo que não me considero homossexual. Quando pertenci ao Bloco de Esquerda filiei-me em grupos de simpatizantes de homossexuais por mera curiosidade, de modo tive em certos momentos da minha vida dúvidas face à minha orientação sexual e considero isso natural tendo chegado à conclusão que a heterossexualidade é a minha orientação natural. Esse período coincidiu com a minha inserção nas listas às autárquicas pelo Bloco na Junta de Freguesia de S.João, em Lisboa. Não é lógico que esse movimento tenha motivado, depois, da minha visita ao parlamento, ao bloco parlamentar do bloco, a saída de Miguel Vale de Almeida para o PS e conseqüente promulgação da lei dos casamentos homossexuais? E que ganho eu com isso se nem sequer sou gay? Nada. Até agora nada ganhei.

Terceiro assunto. Não falo para já do terceiro assunto. Tenho a forte impressão de que estão todos unidos para me tramar, à imagem do primeiro-ministro, e isto começa desde já no meu prédio. Há de facto uma conspiração, mas eu creio que não sou o único a ser lixado, outros há e corresponde a uma mentalidade atrasada de um cantinho onde se ajustam contas e que não interessa nem ao menino Jesus. É a localidade, um cenário kafkiano no mínimo, literário no seu maior esplendor, psiquiátrico, que existe só para melgar os outros, tornar a vida mais difícil e parece que a ameaça vem também de fora e que o criador de tudo isto é o próprio

homem a própria consciência, ou inconsciência, humana. Agora vão começar a dar formação aos desempregados e eu rio-me. Que raio de país. Então eu estou a fazer um doutoramento que em princípio abrange tudo o eles ensinam e vou ter formação para ter um emprego diferente? A bem ver, vou-me rendendo às evidências e vou observando todas estas movimentações sociais e políticas face às minhas expectativas e posição social e sobretudo aptidões para observar a realidade social, e vejo tudo isto com maior distância. Tive um grande azar na vida, fui muito ajudado, andei pelos subterrâneos da consciência nacional e particularmente lisboeta dos anos 90 e da minha própria experiência enquanto português no papel. Enfim, vou continuar este assunto mais adiante. Agora queria falar do terceiro assunto. Tem a ver com o papel de Fernando Nobre na actual situação política do país. Algumas pessoas sabem que eu furtei livros para oferecer à AMI. Parte deles devolvi-os às livrarias. Ora, todo o trabalho que eu tive de manchar a minha imagem gerou o reverso positivo ético para a imagem de Fernando Nobre e negativo para mim. Tive portanto influência na candidatura de Fernando Nobre (em quem votei) e daí na sua escolha por parte do PSD para candidato do PSD à presidência da assembleia da república. E eu me pergunto, se pode o Dr. Fernando Nobre ser eleito para a Assembleia da República, porque não posso eu obter o título de doutor em Antropologia pelo ISCTE? Bem, não espero nenhum tipo de justiça, tudo irá pela natureza ao seu lugar e o que deixei incompleto poderá ser completado por outros. Mas custa ver passar por nós um jovem com o autógrafo de um dos autores da declaração universal dos direitos humanos como se fosse Moisés com as tábuas da lei...enfim, Deus fez isto mal porque fez hierarquias, nenhum sistema é perfeito e o desafio que se propõe ao homem é aperfeiçoar o que Deus fez de incompleto. Estive lá na Fundação Mário Soares, ouvindo um dos autores da declaração universal, o autor do livro “Indignai-vos!”. A situação das pessoas está crítica.

Confundo a minha situação individual de insucesso com a do estado do país em geral. Mas o meu insucesso foi o sucesso dos outros. Irónico... não devo regozijar-me? É o sistema. Afinal tenho 200 euros do Estado para viver em Lisboa, tentar arranjar namorada, criar um filho, pagar condomínio, alimentar-me, vestir-me, ir a uma ou outra ocasião social, enfim. Tá tudo tramado. Talvez esteja ainda demasiadamente concentrado em mim próprio. A partir do momento, diz Zen, em que me descentrar, deixarei de sentir, deixarei de ficar obsessivamente centrado na minha dor, na minha perda, no meu Ego. Talvez seja isto que tenha andado a fazer incorrendo em erro.

Será então que neste caso, analisando o conjunto da sociedade, todos os seus elementos, haverá um princípio do terceiro excluído, isto é, terá de haver um bode expiatório para que a sociedade sobreviva e tal aplica-se necessariamente não só a esta crise mas também a todas as sociedades existentes, pois as ciências sociais procuram modelos de funcionamento das sociedades de modo a conseguir o ideal de substituir Deus, o Leviatã de Leibniz, na tarefa de zelar pelo funcionamento da sociedade, no sentido de que esse é o grande objectivo e desafios das sociedades actuais e para o qual confluem todas elas, no fundo a relação entre indivíduo e sociedade de que sempre falei. Mas como conciliar as flutuações de personalidade do indivíduo com as flutuações de personalidade da sociedade e como transpor modelos de uma para outro se se sabe que o homem é modelo-máquina? Talvez o modelo possa vir a ser uma nova espécie de seres vivos que substituirá o homem, a saber, os insectos, que na sua perfeição, se desenvolvem maquinalmente nos mais enfermos e doentes ambientes. O que os pode matar, dado que o homem tender para a sanidade e para a higienização? Estarão errados os antropólogos? A questão é evolucionista, é preciso ler mais ciência social, ainda não chegámos ao papel da arte, que não pode nem tem por base nenhum papel de escapatória individual, nem

tapa remendo da consciência individual, nem tão pouco o papel acessório que lhe temos consignado nos últimos anos. Se, em primeiro lugar, a arte, ensaiemos, tem uma função terapêutica, tem também uma função social. Mas será a literatura arte? Esta é a grande questão que pretendemos responder. Será a literatura arte? O facto de a arte ser algo de manifestamente expressivo que dizer que é um recurso disponível nos braços e nas vozes do indivíduo como arma social e individual ao dispor deles ao serviços dos direitos fundamentais humanos e sociais, mas o facto de toda a gente vir a lutar por esses direitos não pode gerar um excesso de reivindicação por direitos, isto é, também um excessos de direitos, ou seja, o inverso da situação que temos hoje em dia, ou seja, falta de assentimento de regras sociais, excesso de regulamentação mas falta de seu terreno de aplicabilidade, ou seja, as pessoas não estão afoitas a cumprir regulamentos sociais, porque estão mais preocupadas com os seus direitos individuais, sendo que mantém em certo sentido um conjunto de regras éticas, concretizadas em princípios éticos universais de que eu comungo. Eis alguns aspectos mais ou menos criticáveis da sociedade e dos homens e mulheres portugueses vistos por um dos que se julga um deles e que está no ingrato papel de se entregar ao juízo deles sem ser nato português, contudo tendo sangue e ascendência galaico-portuguesa, mas afastadamente hispano-portuguesa. Este sentido se fazem aqui algumas observações e recomendações de quem observa e vê em momento de crise um momento ou uma sucessão de momentos que atravessam vários anos num território repartidos necessariamente por três gerações a quem o autor, de pseudónimo, entrega seu tempo e ensina aos industriais e culturais e até humoristas como se faz resultado de uma inspiração e se usa ambiente de tal ordem em benefício de todos, sendo o resultado deste produto um arrazoado sistemático não dialogado senão com a própria consciência e as vozes do povo mais ou menos simples, educado e intelectual e que das

chagas de um povo compreende e dá conta a este delator dos acontecimentos superficiais que a rua e alguns actos dialogais sucedâneos ou acontecimentos públicos e sociais dão a entender se plasmam no papel que ora leis e vos servir de ilustração para testemunho de tempos tão difíceis e conturbados que se resumem a sem dúvida um grande medo e questão: que mundo vamos deixar aos nossos? Eis me parece pertinente matéria que iremos reflectir nas próximas páginas e que desenvolveremos de acordo com o que a consciência do autor os acontecimentos por hora nacionais, europeus e internacionais, quer sejam de teor que for, dêem a entender, de forma a termos um conjunto de micro narrativas especificando a forma como se vivia na época em que três países da zona euro entraram em crise, uma crise profunda, encontrando-se o autor no epicentro dela mesma, sendo naturalmente suas frustrações e dilações, mas também delírios e pontarias resultado de seu labor e dom bem como do meio ambiente de que é produto.

Bem, mas um dos dramas com que me deparo no meu dia-a-dia na busca desenfreada de satisfação, *self-satisfaction*, é o consolo de vir um dia a apresentar uma tese pop, um documento que começou por ter saído do Concílio Vaticano II, passou pelo 25 de Abril português e terá passado pelas crises sucessivas de 79 e 83 até esta de hoje, altura em que proponho a minha leitura dos acontecimentos. Grande parte deles são retirados de fontes orais, timidamente pesquisadas em praça pública, com o risco de se perder dados que essa forma de recolha acarreta, têmê, jornais, mas sobretudo com uma frequência assídua, a maior parte das vezes por aventura e puro-pleno dilentatismo, da vida cultural, com um orçamento roubado à alimentação, um orçamento muito baixo, sob o risco apenas do risco individual, sob poucas garantias. Enfim, uma aventura kafkiana. Neste sentido, enforma-se o dados que retiro destas observações e que

poderão gerar conclusões mais ou menos fidedignas e que deverão resultar num cruzamento entre ficção, matéria social, intervenção cultural e social, opinião, planeamento e teoria social. Agora, na Biblioteca de Arte da F. Calouste Gulbenkian, pego nuns livros em português e francês de Antonin Artaud. Que tem a ver com tudo isso? O lugar do artista como provocador do sistema de produção industrial. Ele esteve sempre lá, sendo a solução, o desafio, muito mais que o antropólogo ou o sociólogo, para os problemas do sistema industrial “depressivo”, e nas suas ideias mostrou como se dá a volta ao sistema. O artista faz parte do sistema ou não? Haverá sistema? O que é ser artista? Era Artaud artista?

“Dizem que a massa não gosta das ideias, mas é mentira porque foi a massa que as impôs” Antonin Artaud

Deleuze

Função social da arte da Gulbenkian? Zero.

Porém, a arte desempenha um papel importante que não me importa aqui explicar em toda a via. Quem tem o poder que se explique. Reservo-me o papel da poesia e da prosa, nestes dias em que não há mesmo inspiração nas terras de Lisboa, mesmo depois da dor de cabeça da massificação urbana que pode dar um certo ar de desalento literário. Aliás, nestes tempos de crise, parecem as pessoas estar cedendo a uma certa loucura que esquece as maneiras e faz esquecer os velhos protocolos da inspiração, geram-se novas formas de comunicar, de inspirar sentimentos e emoções, ideias e projectos para com a sociedade. O indivíduo está isolado, procura compreender o seu comportamento, é poeta e cientista, explicar o seu comportamento poético e não lhe sobre tempo para o romance, talvez o mais importante que lhe deveria ocupar o tempo. As coisas que a sociedade hoje em dia valoriza não são as mesmas que valorizava aqui há tempos atrás, talvez esteja desactualizado. Talvez, perdido no solipsismo, esteja

numa espiral da civilização do eu que me conduz a uma forma de alienação de que não se pode regressar. Haverá um retorno em tudo isto?

O autocarro que apanho à noite para ir comprar dois cd's parece-me vindo de uma reflexão de Marc Augé. Quando chego a casa, sou o único passageiro, troco um breve diálogo com o motorista. Um autêntico não-lugar, aquela paragem de autocarros. Enquanto alguns artistas se preocupam com lugares onde tiveram cena acontecimentos históricos, como o Reistag, preocupa-me, enquanto antropólogo, outros lugares, talvez mais primitivos, onde as representações sociais estão mais no gérmen, são mais elementares, e podem mais facilmente ser analisáveis. Caio no ridículo pelos meus contemporâneos, é certo, mesmo os antropólogos, comprometidos com as suas obrigações políticas, académicas, sociais e televisivas. Sempre foi assim. Sou um antropólogo sem academia. Tenho o meu público.

Saio de casa, à procura de acontecimentos para descrever, sob o peso de uma dia praticamente desfeito. Deitei-me tarde e acordei cedo, mas os músculos pesavam demais para me poder levantar em condições, pelo que fiquei mais duas horas até à uma hora e como se não estivesse fresco e leve, fumei dois cigarros que me deitaram abaixo. Imagino como será quando vier a trabalhar. A tempo inteiro será difícil, o contacto com as pessoas, que dissimulo agora com uma forma de interpretação do evitamento, será penoso e sozinho temo não aguentar o fardo. Por outro lado, em termos científicos ou literários, não estou a produzir nada de jeito, acho que não há apoio suficiente. De qualquer modo, descrevo o meu estado de espírito sem viver muitas coisas, parece que meu espírito já não suporta muitos acontecimentos, está formatado para resolver problemas relativamente simples. Tomo um banho regenerador e acordo de novo com energias para a cidade, passo pelo café, tomo um pouco da sociabilidade aí existente e lembro-me como será Lisboa, esta mulher com

quem eu vivo e com quem durmo todas as noites, acordando sem ela, com saudades dela, juro a mim mesmo que amo esta cidade há anos mas na realidade parece que falta qualquer coisa por cumprir, rasgo o meu espírito no andar em direcção ao autocarro em pleno dia, tomo um lugar ao pé de uma jovem atraente a quem ofereço um reбуçado de mentol e que recusa, vivo no anonimato, dissimulado, escrevendo estas crónicas do frenesi individual de um indivíduo que tenta inserir-se e às tantas não tem mesmo de o fazer que os tempos estão difíceis, talvez em crise também seja complicado arranjar amizades e tudo seja uma questão plenamente economicista de lógica. Só que há o factor humano, e do contrário ninguém me convence. O homem consegue dar a volta às condições mais extremas, a não ser que esteja preparado para se extinguir, mas isso já outra história. Tem de haver, por outro lado, uma outra forma de dar a volta. Nesta Lisboa complicada mas ao mesmo terrivelmente eficiente, que elimina o desperdício e o mutila como farrapo humano para depois o glorificar na forma de um fado de Carlos do Carlos e assim vive, tem de haver uma saída, tem de se dar uma volta, não podemos acordar todos os dias com uma sensação de derrotismo e pensar que tudo se acabou. Tem de haver uma forma de dar a volta. E a solução deve ser muito simples pois eu aconselho ou outros tomar uma posição de inteligência quando tomo posições ostensivamente constantes de força e insisto num tema do qual devia já ter saído há bastante tempo, a saber, a frustração, uma insatisfação geral para com as coisas, a falsa expectativa, a falta de verdadeira expectativa para com a vida, que começou desde cedo e que não consigo aplacar, como se estivesse num pântano, a imagem é recorrente na gíria do futebol, e enfim me parece que a terra tem de novo de ser preparada, dever-se-ão estudar novos métodos de cultivo, porque a semente foi herdada e lançada e desperdiçada e depois há uma imensidade de conhecimentos a reordenar, uma riqueza de acontecimentos e conhecimentos que entretanto

se produziram e que devem ser a constante reiteração de uma assinalável insistência em utilizar este solo que se nos apresenta como terra seca e que não está de todo esgotado. Um livro é como uma vida. Usa-se. Entretanto choveu. Não me pude sentar no jardim de biblioteca nacional, como ontem me sentei ao pé de casa para me lamentar de ser um português bruto e sem maneiras. Recolhi-me e entretanto teço estas linhas pensando também na sociedade e na marginalidade relativa em que incorro ao aventurar-me nesta obra, mas também na cele(b)ridade ofuscante que poderá deparar-se-me de um dia para o outro, depois de ter mergulhado a cabeça uma ou duas vezes no caldeirão dos feixes cruzados de vias e percursos que as pessoas, e aqui não invento nada de novo, sem que no entanto não fique sem a dor e o desalento de estar fraco e magro e algo esquizofrenicamente desajeitado por hábitos de pensamento, mas afinal, é o preço a pagar por este fardo que carrego todos os dias, o diabo às costas, é um fardo que outros também carregam e que não juro ser exclusivo meu e do qual me livraria boamente se pudesse ter uma vida normal. Mas aí começariam os problemas e no limite entre uma vida marginal e uma vida normal está precisamente a fronteira da inspiração que a chuva gera, dizia a senhora no metro, e essa fronteira, quando franqueada torna-se um verdadeiro desafio como sangue a correr que se perde, vida que se extingue, como quem faz amor e não pudesse parar de tanto desejo. Mas voltarei para casa sem mulher, porque hoje em dia a situação está assim (estou a lamentar-me, qual é o problema, já não se pode ser realista?), sem carro, sem latim, sem com uma tipo está perdido e quem perdido está não tem outra solução faz como eu lamenta-se e explica-se.

A cidade estava nua como uma mulher a meu lado (como se realmente fosse verdade e tivesse oportunidade para isso) acabada de tomar banho, ainda molhada com os últimos pingos da chuva que lavam o pó das estradas. Nessa noite estava diante dela e ela fora da minha janela,

movimentando-se languidamente como um monstro marinho que contemplo à beira-mar e me ensina coisas e novas sobre o estado das correntes marítimas. Me ensina quando me devo fazer ao mar, quando é seguro embarcar ou pelo contrário se deve ficar. Sabia que estava ali, minha sina era estar ali, à sua beira, chupando-lhe os seios e a perturbação para que tivesse ela paz. Tivesse eu perturbação, tinha ela paz, era uma troca justa. De noite dormiria com ela, de dia passear-me-ia nas ruas e veria seus personagens donde tiraria ideias, no ar, no chão, ou pregadas nas paredes como grafites, de noite dormiria com ela, estava enfeitiçado com ela, não podia ter uma mulher verdadeira, esta dava-me muito trabalho, não podia ter um trabalho normal, este esgotava-me até ao fim da minha resistência. Todavia andava, nesta cidade despida, em busca de um par normal, de noite, errante, como qualquer taxista mal humorado e bebido, em procura de uma mulher que lhe tratasse simplesmente da roupa e ficasse com ele à noite. Por mim, não me achava aconchego de nenhuma mulher. Estava ficando feiote e mal arranjado. Tinham passado os meus tempos. Ainda cuidava do meu aspecto. Mas tinha pouco dinheiro. Naqueles tempos, preferia ficar em casa, maldizendo a minha pouca sorte, a pouqueza de energias e falta de fé ou de felicidade. Ficava lendo um livro. Já não acendia a televisão. Tinha nos últimos dias respondido a várias propostas de emprego, mas nenhuma resposta sobreveio na minha caixa de correio. O país andava desarranjado e eu sem falar realmente com alguém, digo, ter uma conversa de meia hora no menos, há mais de três ou quatro meses. Tinha perdido a inspiração para criar personagens e o encanto de viver na casa que para mim tinha sido um impulso mágico na minha vida, por assim dizer. Acho que teria de guardar para outra vida as grandes revelações que esperava para esta. A minha vida estava sendo uma grande desilusão. Todos os dias, depois do banho, rangia os dentes e jurava a mim próprio de raiva não desistir nunca de nada, que isto seria apenas mais uma

prova, mais uma fase, mas é possível que lá no fundo bem lá no fundo das reservas se estivesse a constituir um fundo de melancolia e desalento. Não tinha emprego há vários anos, daí o handicap. Não tinha amigos, valia-me a família. Tinha uma casa e boas intenções. E o que vale isso no mundo de hoje? Vale muito, na verdade vale muito, vale mais do que a podridão do mundo do cinema e da televisão, as trocas de parselhas na política, o mundo do espectáculo, etc, etc. Sentia que estava ali, em Lisboa, fisicamente perto de pessoas cujo mundo via representação todos os dias na têvê mas que não me diziam nada na verdade, no íntimo, em termos de identidade, e estavam na verdade a milhas de distância do que eu verdadeiramente era. Esta sensação de afastamento era perturbadoramente desconcertante e fazia-me valer como perdido todo este tempo passado e investido em Lisboa. Com um sorriso, a minha mente sorria, “nalgum lado temos de estar”. A força psíquica não era já grande, imaginava a minha amiga Lily, que por orgulho não dera mais notícias e que me proibira de lhe telefonar, coisa que eu estava cumprindo rigorosamente, enfim, acordava cansado, teria de pensar seriamente numa outra questão: se não conseguisse sobreviver em Lisboa sem trabalhar, teria de pensar numa outra solução, porque uma coisa era certa: as coisas estavam a morrer. E eu estava a ir junto.

Escrevi a Gaia. Nesse dia não tinha aparentemente mais nada para dizer. Estava também a cidade seca de histórias, repetitiva em suas histórias e eu próprio parecia um disco riscado que me repetia vezes sem conta sem considerar avanço algum na estrutura da narrativa. O meu desalento como escritor e autor era grande, mas nunca deixaria de criar, pois acreditava ter encontrado um bom filão e achava que era um bom garimpeiro, tinha comida, tabaco, a possibilidade de ver mulheres, liberdade para viver, para pensar. Não tinha muita coisa, mas era muita coisa. Não era muita coisa, mas tinha muita coisa. Seja como for, estava rodeado de palavras e a possibilidade de inventar mais e mais palavras fazia de mim um ser

satisfeito consigo próprio, apesar da solidão carnal, física, palpável, dialogável. Era preciso muita imaginação e dureza para viver aqueles dias para uma pessoa como eu, que havia sido mimada desde o início e poupada a esforços consideráveis. Tinha evitado provas duras, tinha enfrentado sozinho provas que não desejava a ninguém ter passado, experiências psíquicas. E a vida não é apenas isso? Uma experiência psíquica? É isso que se transmite ou é o facto de sermos solidários, de passarmos, padecermos e vivermos mais o menos todos as mesmas experiências na vida, como o primeiro amor, o desamor, o casamento, a desilusão, a morte, o emprego, etc, etc. E para além dos sucedâneos que se sucedem sucessivamente, fica uma marca indistinta de qualquer coisa que passou por aqui, num papel em branco, num líquido que correr e choca com uma rocha, num som líquido que entrecorta o horizonte do corpo, dos corpos. Nesta medida, enjeito uma possível saída de cenário para outro lugar, já que se almeja respirar noutras estepes, onde mais se confunda o pensamento e mais iludido fique este homem com esta nuvem de saber que atravessa a sua mente e que lhe descarrega chuva em cima da cabeça para não esquentar. Palavreado solto este é e parece-me que vão demais para se entender, terá o autor que se deslocar para fora do seu cenário, a fim de o enriquecer com outros elementos, com o propósito de ir buscar novas ideias a outros lugares. Ladrão de palavras, confesso-me. Devolvo-as agora com o meu sangue, paga agora o preço da minha ousadia e pagarei até ao fim este preço pois parece-me ser esta a sina que me trouxe em pequeno a este país de meu pai para fazer educação e crescer como nativo aprendendo costumes com que agora lido mal, pois que entro em dissolução. Meu espírito definha e fenece, por mais força que faça, meus escritos não têm a luz do dia para os iluminar, os olhos que os poderiam estar lendo encontram-se focados no excesso de comunicação e informação e economia, o individualismo tem destas coisas, gerar um efeito de

competição entre os seres e desperdiçar talentos que funcionam melhor em grupo. Todavia, não me dou mal enquanto individual. No campo, tenho tudo o que preciso para sobreviver. Aprende-se a resistir. É uma questão de hábito. Não há opção. Ou nos adaptamos ou não. Uma simples regra selectiva. É claro que gostaria de mudar a minha imagem, cortar o cabelo, deixar de usar óculos, tornar-me mais leve, deixar para trás todo este peso que carrego. Ainda não desisti. Pelo menos estou trabalhando neste livro. Esgotado, precisando de um retiro espiritual, sabendo imensas coisas, imaginando-me dentro da terra, possuindo todos os seus segredos, mas perdido para chegar e furar a superfície, como a toupeira. Mas já que aqui estou ao vosso amável convívio, deixem-me dizer-vos algumas coisas. A cultura neste país contenta-se com pouco. A cultura neste país é diletante e carreirista. Poucos são os que fazem da cultura uma profissão, poucos são aqueles que são verdadeiros atores, escritores, poetas, pintores, porque não se leva a sério a arte nem a cultura, toma-se a cultura como qualquer coisa de acessório ao espírito humano, os agentes culturais são tidos como bobos que divertem a corte dos governantes e não agentes de desenvolvimento como os sociólogos. Há uma cultura da inveja e do chuto de quem não interessa a sistema, um sistema que interessa a poucas e mesquinhas pessoas e que tem a sua origem num polvo que mina a riqueza que este país podia ter em termos internacionais. Daí não se devem admirar que os portugueses sejam geralmente pessoas grosseiras que só gostem de futebol, praia, fado, bitoque e coisas desse género. Todavia, algumas coisas estão a mudar, mas não sei até que ponto e preciso de aferir este dado melhor e atestá-lo daqui a um tempo. Portanto, era mais ou menos este o estado da minha revolta por aqueles dias. Na minha cabeça, confusa de estar tão sozinho naqueles dias, de estar sem trabalho e rotineiramente escrevendo um livro sobre uma crise que eu confesso não ter originado, pois é assim mesmo, devo dizer, que as coisas devem ser ditas, estava ali sendo punido

com uma vida miserável sem me poder mexer de um lado para o outro que não fosse entre quatro paredes. Entretinha-me a ler. A esperança sobreveio quando cheguei a casa no dia seguinte, dia em que chegou uma encomenda do meu irmão, um boné e uma camisola dos cafés Delta (para a corrida). Uma esperança de emprego. E mais não digo por ora. Vou aguardar em segredo. Acordei bem-disposto, quase na boa forma dos bons velhos tempos, embora tivesse sabido desde sempre que é preciso não só estar em baixo de forma para escrever bem como ter uma grande depressão e uma doença rara e falta de mulheres e viver só. Isso tudo traz o talento e o sucesso na escrita. Sou daqueles que acreditam que não é possível, à moda americana, ter sucesso entre as mulheres durante o processo de escrita, como a maior parte da mentalidade comercial americana, mas somente no final do processo de escrita, como a maior parte da mentalidade europeia e a mentalidade independente americana. Pelo que decidi acabar este livro e regressar com força, cada vez mais com força a este trabalho, enquanto ouvia passar os aviões por cima de mim levantando voo em direcção a leste e oeste de Lisboa, eu estava por cá, retiro numa esperança de que as letras me levariam algum dia a algum lado a partir da descrição deste cenário que se me deparava. Como Dante. Tinha, fechando os olhos, tanta coisa para descrever que não seria verdadeiramente com os olhos que via, como quando nos preparamos para dormir e os fechamos, mas seria com a mente, tais eram as concatenações e a solidez das coisas que pelo meu espírito se atravessavam. Por vezes, no metro, quando me ocorria esse vislumbre tinha vergonha. Tinha vergonha de saber tanto, de ter tanto para dizer, tanto para escrever, que podia passar o resto da minha vida a fazê-lo e ainda assim esta minha vida não chegar para tal. Bastava viver uma vida frugal e sem excessos. Mas, pelo contrário, eu estava tendo uma vida solitária. Contudo contentava-me, porque sabia que esta raiva acumulada era transitória e podia ser aplacada, pois afinal de contas podia pensar para mim mesmo

“estou a escrever o livro”. Podia ter esse pensamento à mão, como uma bolsa ondeoubessem outros pensamentos inconvenientes em situações psicologicamente aflitivas, podia socorrer-me desse pensamento-poção mágica onde tudo cabia em que resolveria estes problemas. Mas a questão é que eu estava me expondo, talvez sem razão e não via muita gente a fazer o mesmo. Normalmente, as pessoas, juntam-se em grupos e delineiam estratégias, combatem-se em grupos de interesse, mais ou menos permanentes. Ora, isso não acontecia comigo. Estava desligado da Universidade, na verdade. Não contactava com professor algum. A ideia de fazer um doutoramento era remota. Tinha de apresentar um projecto, dirigir-me a um professor, desafia-lo como se fosse verde a ser meu orientador e dar-lhe motivos para o ser. Numa palavra, enquanto tinha agora usufruto da inspiração pelo uso livre da palavra através da escrita deste livro, na realidade estava preso pois precisa de demonstrar o meu saber através de uma tese académica. Balelas, deveria haver outra forma de contornar as coisas. Eu ia dar a volta às coisas. Ia encontrar uma solução. Seja como for, a minha situação económica, pois é isso que verdadeiramente interessa neste livro, a situação económica dos portugueses em geral e em particular do autor deste livro, pois que poderão contribuir para a melhorá-la comprando o livro e dele poderão retirar ensinamentos que justifiquem o investimento monetário. Sendo assim, por aquela tarde, estava em mais um spot, quando um pombo largou um presente em cima do meu teclado. Lá se foi escrita. Tive de ir para casa. Função social da arte na Gulbenkian? Zero. Há pombos a mais em Lisboa? Qualquer dia nem no Pombal. Seja como for, o dia foi animado com a expectativa de um jantar, mais logo naquele dia. Um acontecimento social no meio do meu livro. Para variar.

A confusão estava instalada na sala. Seria o Presidente que se teria demitido, há algum tempo que ninguém de importante morria no país,

parecia estranho na minha consciência e lutava contra isso, como se tivesse que enfrentar um desafio entre eu próprio e o meu destino e a sociedade inteira pelo menos até daqui a uma semana. Podia esperar-me a glória, ou o esquecimento para sempre. Ou no mínimo a consciência de ter trabalhado em vida, o que não era mau para um indivíduo como eu, de pernas cortadas à nascença. Seria irónico continuar a falar de mim, afinal não surgem mais personagens e de certa maneira depois de ter provado no isolamento reconfortante da perturbação psíquica a possibilidade de produzir em condições instáveis, venho sugerir não só a possibilidade como também a realidade de múltiplos personagens formais num contexto em que se julga estar em crise, a crise na realidade é uma ilusão, pois afinal é isso que acontece, não só é uma ilusão criada pelos media para manipular as massas rurais e provinciais por parte do governo (e assim vai continuar) como também é um cenário, uma tela, que esconde outro, como se o palco tivesse cenários alternativos durante a peça, que se desenrolam à vista do espectador, como se de um espectáculo 3D-interactivo se se tratasse. E se por sinal estou para aqui debitando algo de instintivamente interessante parece-me que falta algo de salino neste texto, no sentido em que devia de mexer com interesses instalados, tipo reportagem jornalística, em que arriscaria a minha pele e me livraria de mil perigos e com uma dama enfrentaria mil inimigos e teria o cognome de “Mil Homens”, enfim, coisa do género, entretanto isto não só não acontece porque eu evito todo este tipo de coisas como também impeço que aconteçam com minha presença, é estranho que isso aconteça e neste registo cá vou andando numa história mais ou menos feita de futilidades e expectativas. Não tenho notícias do meu amigo, tenho de enviar-lhe um sms para ver como está o retrato, enfim que raio de antropólogo sou eu que nem personagens tenho para o meu livro, de repente acabou-se-me a conversa, mas tinha mais um dado importante para deixar antes de partir para a rua que está chovendo e desta

vez estou protegido. O assunto incomoda-me um pouco, mas tenho de dizer, é a última vez que vou confessar uma coisa destas. Não sei bem como dizer, mas cá vai. Tenho a impressão de que a falta de vitórias do Benfica e do Sporting no campo futebolístico coincide com a minha presença em Lisboa, sensivelmente a partir de início da década de 90. Ora isso faz de mim um “agente provocador” do norte, o que implicará a minha saída da capital mais tarde ou mais cedo, para que o Benfica ou o Sporting voltem a ganhar. Mas de que clube sou eu? Do Benfica. Então, como devo explicar este fenómeno? Ligação entre os êxitos pessoais e os êxitos do clube, nada mais. E hoje fico por aqui. Ainda havia, sinto, mais ondas a captar por aí, duas ou três ideias, mas ficam em gérmen, em fila de espera, para depois.

Pelo que me é dado a entender, ainda não percebi o fio condutor da vida desta cidade. Podia estar em vários lugares ao mesmo tempo e não perceber. Ler vários livros e não perceber. Reunir uma equipa e não perceber. Porque não estou predisposto a isso, talvez. Então como perceber, já que aqui estou? Como viver aqui sem perceber o que se passa, as redes de sociabilidade que aqui se geram, os desentendimentos que se descobrem a todo o momento, as estratégias imprevisíveis das pessoas para subir na escala social? Sim, porque se trata, como noutras cidade de subir na escala social. Não há “réseaux” de entendimento, há locais onde se gera um ambiente, mas que logo é quebrado por gangs de mal dispostos que logo se aproveitam da situação para reinar. É uma república dos corvos, das bananas, não há democracia, o que mais ordena é o poder do eros, da falsa beleza, do poder do dinheiro, dos falsos valores. Sim, porque trabalha-se pouco por cá. Como dizia a Lily, somos invadidos por brasileiros que dominam o mercado de trabalho à custa da lassidão e tornam Lisboa numa cidade indolente e preguiçosa, incapaz de acompanhar as exigências de uma média cidade europeia. Lisboa não se decidiu ser quer ser afro-

americana ser é uma cidade europeia e enquanto não se decidir e isso tem de partir das pessoas, meus amigos, nada feito, lamento dizê-lo, mesmo falando em causa própria, será uma tristeza cultural e social, não avança, apenas faz papel de saltimbanco em nome de tipicismos e ginginhas que só simbolicamente contribuem pra inserir Lisboa no código das cidades europeias mais desejadas. Para viver e visitar. Outra coisa há, Lisboa tem de ser decidir quando deixa de ser um colonato anglo-americano, como o é o Porto. Esticada a tal ponto por tantos pretendentes, a cidade torna-se incharacterística e corre o risco de secar. A terra que tenho lá em casa e que chegou numa embalagem de cogumelos com que ontem fiz o meu jantar é preta. Este livro podia ser chamado também de terra preta. Espero que o seja um dia, preta e amarela esta terra, de todas as cores, como os filhos que daqui nasçam, desta terra húmida e onde a chuva cai, onde se renovam os cultivos e os pensamentos mortais sejam cultivados e noutras vidas renasçam com força e vigor imprescindíveis para renovar as gerações de todo o esplendor psíquico e físico que precisam para se afirmarem. Um diferente futuro espera esta terra, que agora seca, espera por chuva que cause à semente húmus para que se desenvolva e contribua o homem com sua acção para dar força a este processo que só lhe é benéfico em todos os sentidos.

Entretanto, estava eu ficando cansado de tanto ver, pouco falar, pouca acção, pouco tato. Sentia falta de falar com alguém a sério. Escondia-me no meio da multidão, por vezes. Meu visual não contribuía para facilitar as coisas. Estava relativamente à vontade em mais ou menos todos os ambientes, porém não me ajustava profundamente a nenhum deles. Estão a ver? Facilmente adaptável, mas pouco confiante...desconfortável, incomodado em situações subjectivas que punham em causa o meu papel de repórter estrábico... É mais ou menos este o cenário. Tantos anos depois, estava ainda descobrindo Lisboa, comprando a Time Out como

qualquer adolescente que vem do campo para a cidade pela primeira vez. Que fazer com a experiência acumulada de anos? Era simples: os tempos eram outros, as pessoas eram outras, as coisas haviam mudado, a cidade havia crescido. Conclusão: tinha de continua a adaptar-me, como um camaleão neste romance urbano. Contudo, recusava quebrar o gelo e encontrar uma heroína que, de um momento para o outro, entrasse na tele do meu argumento, e se desenvolvesse em graça e plenitude harmoniosamente, até porque eu tinha um conflito insanado, não digo insanável, mas insanado, no sentido que estava tendencialmente para ser sanado, com a realidade em geral, e mais concretamente, com ávida lisboeta em particular, isto se queremos coisificar ou definir, não sei até que ponto é a mesma coisa, realidade (de quem, a minha?, a dos outros? De que grupo? De todos? Existem alguma vez a realidade de todos?) e vida lisboeta em particular. Dei por mim falando sozinho, danado dos nervos, lamentando-me enervado por estar desperdiçando tempo que roubei à minha iniciativa privada para contribuir com este paper para quem queira ler coisas sob o nome desta pessoa. Saiba que há coisas anteriores escritas e que neste momento o autor passa por um impasse lateral, que espero nunca venha a ser frontal, pois tal será perigoso para os intervenientes, relativamente à possibilidade de desenvolver este texto secretamente para uma tese em articulação com outros itens anteriormente já publicados em outros volumes. Se assim for, isto não será publicado. Se o for, terei a possibilidade de continuar e acrescentar mais ideias àquelas que aqui acontecem, pelo que todo os sofrimento e padecência experimentados até então apenas será uma amostra e um caminho de algo maior que se aproxima ou então apenas uma prova de algo como que uma barreira que tinha de ser franqueada nos caminho que até aqui se insurgiu no nosso horizonte. Afinal, desloquei-me ao local do jantar, falei com o dono do restaurante, mas parece que não era hoje. Amanhã. Lá estarei.

Naquela mesma noite, aconteceu um *turn-over* no meu enredo, como se o livro estivesse para terminar ali mesmo. Havia preenchido um formulário referente a um concurso de ideias sugerindo a pertinência da edição do meu livro para a sociedade portuguesa em geral e para a elite lisboeta em particular e pedira um avanço de três meses para acabar o projecto. Porém, naquela mesma noite, abri perspectivas para dar uma grande curva à Califórnia pesquisar uns tempos, o que me permitiria distanciar-me suficientemente do meu objecto de estudo para melhor o descrever, a saber, a cidade de Lisboa, o país, Portugal, o povo, os Portugueses. Seria o fim do projecto? Ou apenas um grande (ou pequeno...) desvio da descoberta do que é ser português? Na verdade, a minha interlocutora do lado de lá, em Berkeley, apenas recebeu uma mensagem minha. Podia estar para começar uma grande aventura. Eu estava farta de ver e ouvir aviões passar por cima de mim. Até já nem olhava para cima. Estaria disposto e preparado a embarcar num que me levasse para fora daqui? Seja como for, comecei a fazer preparativos e a pensar de outra maneira.

Mas no dia seguinte, recebi o convite para trabalhar e aceite. Encontrei mais tarde, Alice, de novo, a personagem que conhecera num cenário rural no meio dos meus primeiros livros e enredos e logo comecei desfilando ideias e argumentos em relação a episódios anteriores do que acontecera antes na revelação de nossas intimidades e no desencadear de nossa fatal separação na Primavera de 93 quando lera as cartas a “Olga”, de Vacláv Havel, pouco depois de ele ter sido empossado Presidente da República, o que me fez repentinamente pensar no argumento que me trouxera a Portugal: o medo. A medo teria vindo a Portugal, o medo trouxera-me aqui, por isso tinha toda aquela adoração do quadro de Edward Munch, O Grito e fixara a outra do Metro, creio que dele também, o que me fazia lembrar da aflição que minha mãe teria passado no metro parisiense e que eu iria passar e na que, branda, passo eu, no metro de Lisboa. Assim sendo,

intimei-a a responder-me se me amava realmente quando me encostou à parede no final da aula e me disse desejando-me, creio, se queria sair com ela, ou se seriam apenas frissons do momento. Tinha por intenção minha guardar para sempre na memória, uma memória escura que nunca analisara sequer em condições com nenhum psicanalista, esses dias sombrios, em que me falta uma iniciação diante do sexo oposto, em que todos se divertiam, e a exceção era eu, todo o mundo fervilhava à minha volta e eu metido num convento primeiro e mais tarde metido em casa sabe-se lá fazendo o quê, coisas inimagináveis que não cabe aqui contar, que não se devem aqui contar, porque nem tudo cabe num livro e eu próprio duvido por vezes, para mal dos meus pecados, que as palavras consigam transmitir o indizível, mas é uma corrida contra o tempo e a vontade, tenta-se correr não atrás do desejo, mas à frente do desejo. E se meu corpo sobrou para o presente para que se cumpra qualquer coisa, serve aqui de testemunho que devia ter servido para coisas bem mais elevadas do que o que serviu. Alice condeu-se e não me percebeu, estava realmente noutra onda, já tinha casado, chegara à conclusão naquele dia que Lily tinha razão, ela não devia ser normal, porque se preocupava até às últimas consequências, eu diria mais, nunca conseguimos perceber ou distinguir até que ponto interessa ter razão no mundo de hoje, tal a diversidade de pontos de vista segundo a variação geográfica, há locais onde eros não impera, mas a constante de hoje é uma geral tendência para o reinado de eros. Eros voltou.

A aqui estou, mais uma vez, desfeito o cenário da Feira do Livro, reconstruo algumas palavras após o que sobrou, encontro o stand do meu futuro empregador e sinto-me um pouco cansado de toda esta Lisboa buliçosa e cheia de estratégias e artimanhas, onde a guerra não é bem declarada mas toda a gente está em guerra com toda a gente, ainda mais por esta altura, a que não me referi ainda convenientemente, onde estarolas armados em carapaus civilizacionais gostam de exhibir a sua qualidade de

vida quando cospem antes de entrar em sua própria casa. Acontece um episódio engraçado. Pouca gente fala da imagem espontânea e informal dos portugueses. A antropologia e a filosofia estão nas ruas da amargura. Aqueles que têm razão são marginalizados e os que berram têm a sua voz alteada pelos microfones da comunicação. Quando surge eminência de algum acontecimento mediático, todos se aproximam, não sei porquê, cheira-lhes a ouro. Estava advertindo o senhor que me apanhou, talvez inadvertidamente, numa foto, quando se aproximaram dois mirones altamente qualificados querendo cheirar o que se passava, com ar de dar palpites, como que querendo dizer qualquer coisa e se eu continuasse a conversa tinha intervindo em nome do processo civilizacional. Meu Deus, no que eu ando por aqui metido. Por vezes não consigo acreditar no fosso em que estou metido. Ainda se diz que o país não está em crise... Seja como for, tomei mais um café e preparei-me para fazer algum tempo até ao jantar organizado pelo meu cunhado e pelo Aristes, ali junto à embaixada francesa, uma prova de vinhos onde curiosamente, eu não iria beber nada mais que uma cerveja sem álcool. Este romance massacrava-me dia e noite e eu pedia ao bom Deus pelo menos uma personagem feminina real na trama, para que não fosse ou resultasse em mais um romance filosófico mal ensaiado, que nefastas consequências traz para a sociedade e seus constituintes, como seja a sua alienação de degradação material, sem contar o notável progresso intelectual e espiritual, enfim, esta frase está mal estruturada, tenho de rever isto, há aqui uma boa ideia no ar...

Um projecto artístico a solo tem os seus riscos, satisfaz, mas também cansa. Como todo o trabalho. Aonde fui. Aonde não fui. Como me sinto, como me deixo de senti, o que consigo, o que tenho a dizer, o meu público. Eis a procura do autor, e eterna procura da perfeição que se perde na sua biografia, e o mundo continua girando, talvez ditado por regras que nunca chegaremos a conhecer. Talvez o escritor não tenha nenhuma forma de

poder que não seja a ilusão das palavras, de esconder e de mostrar as palavras, os olhos, a expressão, o corpo, como numa dança de Pina Baush onde está Pessoa e a guitarra portuguesa. Enquanto se constrói a cidade com música, constrói-se e destrói-se com silêncio, nas escamas que se perdem e ficam perto do porto, a pouco e pouco destruída pelo calor. Por ora talvez em tempo de crise, os sonhos mais selvagens fiquem suspensos e melhor seja guardá-lo. Entretanto o tempo passa, o tempo passa, os comboios passam, os outros passam, e passa a desgraça. Talvez este projecto esteja precisando de uma excursão, de um desvio, que irá ser feito em breve, pois anda um pouco repetitivo como a rotina de quem tem um ritmo baixo e pausado, talvez às postas seja mais barato e frugal, que se há-de dizer. Mas sinto falta dessa Europa de Pina Baush.

Eu percebia que qualquer coisa não estava bem. Podia-se dizer que não tinha sorte. Na verdade, nunca tivera sorte, era um ser cuja estranha condição era a de estar no local errado à hora errada. Para os outros tudo era matematicamente simples: a carreira, as mulheres, a vida social, a vida doméstica. Só que seriam na verdade felizes? Onde está a felicidade: na competência ou no abandono de nós mesmos? Não será melhor darmos o lugar a outros? Com as mulheres, era lógico, como não aprendera, não sabia, entretanto crescera a barba e tudo isso, bem como o desejo, insatisfeito como sempre. Como podia eu falar de integração e harmonia quando eu próprio era marginalizado da maneira mais violenta, impedido de me unir com alguém? Passava por mulher, por maricas, por andrógino, num país onde era quase normal bater em mulheres, eu era mesmo por elas censurado de ser efeminado porque não tinha rédeas para controlar nenhuma. Lembro-me da última que me passou por diante ter confessado que precisava de segurança, de carinho, de afecto. Não sei como explicar isto, mas gostava de ter mais afecto pelas mulheres. Vejo-as como distantes, intimidatórias da minha masculinidade, dominadoras. Tudo isto

gera em mim um conflito. Mas agora é tudo uma questão de simples matemática, de simples economia, como dizem. Eu, que sempre lutei contra as leis bizarras e injustas da economia, estou pela primeira vez refém delas. Porque estou cansado. Agora resta-me contar uma história. Talvez seja ela uma história gasta, pouco gritante, advinda de uma voz fraca e usada. Sabia que mais cedo ou mais tarde iria ser assim. Em vez de percorrer espaços amplos e apoiados por outros em aventuras dialogadas, seria aqui perto um reservatório de esperanças inúteis, um escolho de energias frustradas que se perdem em direcção à mãe terra. Como se fosse um pára-raios que atrai a energia eléctrica e protege os outros da electricidade. Nesta sociedade, há sempre uma moeda de troca, o axioma marxista aprendido na escola antropológica é bem verdade. É injusto, cruel, mas é verdade. E tudo o que possa parecer o contrário é mentira. Desde que cheguei a Lisboa não conheci a verdadeira amizade, há muito tempo que não sei o que é ter um amigo. Aqui, para se ter um relacionamento é preciso ter disciplina e exigência, mas espírito de sacrifício e competitividade. Não é preciso amor. Não, quem falou em amor, o amor não é para aqui chamado. É preciso mais, uma moeda de troca. Um carro, uma casa, bem, um estatuto, um emprego, um círculo de amigos, uma praia, um clube de ténis, um campo de ténis, um lugar de estacionamento, um lugar no teatro, um lugar no restaurante, toda uma cadeia de automontagem para gerir o negócio da manutenção de uma família e filhos em Lisboa. Se não tens nada, nada podes vir a ser. Ainda por cima, se pensar, és um problema acrescido na sociedade. Se questionas, és excluído. Porque quem está aqui para pensar, é paga para isso, tem cursos de economia e gestão de empresas para pensar por si não és tu com o teu curso de letras e a tua pensão miserável que vais agora resolver os problemas dos africanos, dos desempregados, dos sem abrigos, dos artistas desempregados, do teu amigo, de todos aqueles que estão pior do que tu.

Não! Basta! Desiste! Não chega a poesia! Não chega a prosa! O teu caminho sinuoso não leva a lado algum...diz-me essa voz da morte que me quer puxar fumando um cigarro por mim. Há sempre uma moeda de troca, no sistema capitalista, ocidental, nada é gratuito, ninguém te dá nada, mas também não queres voltar para onde te conhecem, onde te gozam a todo o tempo, onde tudo é conhecido, onde tudo está já escrito. Contudo, em todo o lado estará alguma coisa escrita?

Este caminho árido, com a cabeça cansada de tanta preocupação, podia passar-me ao lado, contudo, tendo a absorver as coisas que me estão à volta. Estou no Entroncamento. Podia estar num banco de jardim, daqui a dois ou três dias, no Central Park, com este mesmo laptop, digitando umas coisas em português. Mas não, estou teimosamente aqui, como se fosse uma condenação silenciosa e discreta. Os outros interrogam-se sobre o que estarei a fazer. O mesmo que toda a gente: a trabalhar. No meu caminho não há prémios e remunerações, porque estou “deranged” como no herói de David Lynch, sou um drifter em busca de qualquer coisa que existe ou está para existir. Dry Land, Terra Seca é o meu corpo também, que está cedendo, a pouco e pouco, à custa de tentar sozinho. É a visão desta terra, seca para muitos que partiram e que não o é para aqueles que ficaram. Esses que não leiam. Que continuem a sua vida.

Meu romance é como uma luta contínua, uma luta pela sobrevivência, desde que me levanto até quando me deito, passando pelo sono, valerá a pena a palavra, teria de pedir a opinião a outros, esta luta comigo mesmo não faria mais sentido se fosse em equipa, onde podia dosear o esforço e apoiar-me em outros, repartindo as responsabilidades? Até aqui ainda não surgiu nenhum personagem feminino e em nenhuma de minhas obras alguma vez uma bela ode a uma mulher, interrogo-me mesmo se alguma vez amei alguma mulher, por isso o desafio está aqui aberto para mim mesmo neste espaço em branco ou fotograma invisível: amar uma mulher.

O livro, em vez de terra seca, podia chamar-se, o homem que nunca amou, o homem que não sabia amar, era suficientemente duro para atrair jovens aprendizes do amor. Penso em Lily. Da última vez que estive com ela, disse que gostava do cheiro do meu líquido seminal. Isso fez sentir homem. Mas depois veio com aquela conversa da segurança, que precisava de sentir segurança, a que eu associei força física e carinho, braços fortes e corpulência. Pois isso não posso dar. Talvez possa dar liberdade. Mas Lily queria segurança. Será que todas as mulheres querem segurança? O relógio onduleia os ponteiros, o sino gordo toca lá em cima, as rolas fazem cru-cru, a ventoinha do computador zune, eu teclou, acendo talvez mais um cigarro, vou buscar mais uma verveja, vou até ao atelier da minha mãe desenhar alguma coisa e volto daqui a pouco para dizer mais alguma coisa. É isto Terra Seca, um ensaio sobre um palco possível, à imagem do início de PINA, de Pina Baush, de Wim Wenders, onde sob seca se semeia (sémen) e chuva para que esta terra dê ainda filhos.

Parecia estar ali, na cidade, totalmente dependente dos acontecimentos exteriores e contudo estava extremamente cansado, pelo que optei descansar dois dias em casa de meus pais. Finalmente, no dia 25 de Maio resolvi tomar uma decisão: não fumar mais SG Ventil. Mas tal decisão pareceu-me muito difícil de cumprir à medida que me aproximava do centro da cidade. Num instante, o país, a cidade me pareceu uma anarquia, naqueles dias de campanha eleitoral, uma anarquia legítima e permitida, anarquia legal, todos podia usar a violência que podiam uns com os outros, até que fosse restabelecida a ordem no dia de eleições. Mas eu não me queria imiscuir nisso. E evitaria tudo para que tal acontecesse. Ali, quando tudo fervilhava e eu tinha matéria para o meu livro, só me apetecia fechar os olhos e descansar de tudo. Foi o que fiz. Ao alcance de uma cigarrilha Lisboa parecia-me vazia como a Cesário Verde em O Sentimento de Um Ocidental e eu olhava-a do alto da colina do parque Eduardo VII às 5 e

meia da tarde daquela dia 25 de Maio de 2011 e senti-me subitamente reintegrado no mundo e nas coisas como se algo me tivesse puxado para dentro do cenário novamente, algum actor, o contra-regra ou mesmo alguém do público. Eu, que nunca tinha tido amigos, estava sem amigos, numa cidade onde era difícil fazer amigos. Era mais ou menos assim. Bem, não era bem assim. Vou contar. Eu nunca tinha sido uma criança muito popular. Tinha tido dois três amigos em criança. E em jovem também. Daqueles amigos do peito. Mas recentemente, lá na aldeia, perdera-os todos, porque a minha escrita os matara, a minha actividade literária sufocara a vida real dos personagens que eu precisava de ter vivos na minha vida real. Estranho caso que devia relatar num jornal para que saísse em notícia.” Escritor perde amigos por morte dos personagens do seu romance” -uma coisa assim.

Hoje fumei uma cigarrilha e dois cigarros SG Ventil. Sim, afinal. Não resisti. A solidão é mais forte. Vi a vizinha sair. Fui tomar banho. Estou só. Já não vou sair. Meu Deus! Como amo esta cidade!... Como detesto estar só! Merda de vida! São dez da noite. Vou fumar um à varanda. Afinal a solidão não é fatal. A solidão é uma arte. Como a música. Uma música de Pedro Abrunhosa. Assim o país cresce. A pouco e pouco, dentro de cada autocarro, vence a crise, aqui e acolá, não sou eu, não és tu, não temos culpa, somos todos nós. Ali estava eu. Em Lisboa. Ainda aos 41 anos apostando em Lisboa e em Portugal. Quando se aproximava uma bancarrota. Muita gente, amigos meus me podiam chamar de tolo, pelas coisa que tinha perdido em nome dessas coisas que chamava de terra e apego a coisas da terra. Sim, podia estar em Espanha. A sério. Tinha família lá. Teria sido fácil. EM França era mais difícil. Mas teria sido possível. Mas estava aki, em Lisboa. No desenvolvimento que era permitido. Mesmo assim, não me podia lamentar. Tinha pelo menos uma boa casa. E possibilidades de progredir na minha área, apesar de tudo, em

termos profissionais. A solidão matava-me a pouco e pouco. E a sensação de o mar estar cheio de peixe e eu não ter isco era atroz. A minha editora estava danada comigo e eu estava a um passo de ser despedido mal havia começado o meu trabalho como editor e consultor em ciências humanas. Diacho, agora estava tudo dependente da minha prestação neste livro e nas próximas apresentações, não podia falhar. Mas era excitante saber que tinha alguém do outro lado do Atlântico a pensar como eu, com os mesmos projectos, com as mesmas ideias sobre o país e o futuro do país. Era o sonho das ideias abertas e a América ainda representava isso. Mas quando vi uma mulher, por fim, comecei a acreditar e embora e talvez por isso, quanto mais ela me fugia, mais acreditava. Deus era para mim aquela mulher. Teria deixado de acreditar n'Ele?

LER

Teolinda Gersão “ A Cidade de Ulisses” (Sextante)

Roger Scruton “As Vantagens do Pessimismo” (Quetzal)

Michel Serres “Filosofia dos Corpos Misturados” (Bertrand)

VER

PINA 3D-WIM WENDERS

SEM LIMITES-NEIL BURGER

A ÀRVORE DA VIDA-Terrence Malick

Blogue do autor: <http://lostinlisbon.tumblr.com>

Breve Biografia para o site e para a badana do livro

Jose Taigen (pseud. de Vitor Mota) nasceu em 1970 em Paris. Vive entre Pombal e Lisboa. Passou por diversas portas, umas mais travessas que outras, agora escreve ficção e estuda filosofia e antropologia um pouco por todo o lado, pelo menos enquanto for permitido.

Texto Contracapa:

“Num instante, o país, a cidade me pareceu uma anarquia, naqueles dias de campanha eleitoral, uma anarquia legítima e permitida, anarquia legal, todos podia usar a violência que podiam uns com os outros, até que fosse restabelecida a ordem no dia de eleições. Mas eu não me queria imiscuir nisso. E evitaria tudo para que tal acontecesse. Ali, quando tudo fervilhava e eu tinha matéria para o meu livro, só me apetecia fechar os olhos e

descansar de tudo. Mas não podia. Tinha de lutar, o suor do meu corpo dava-me banho, meu ser arfava, tinha de sobrevir”.